REAÇÃO À TRAGÉDIA
Pedro Bartelle, CEO da Vulcabras: "A indústria gaúcha de calçados estará a pleno vapor em 30 dias"

INFLAÇÃO EM ALTA
Aumento dos preços e das taxas de juros preocupa investidores e faz crescer a incerteza sobre a economia brasileira

APOSTA NOS ELÉTRICOS
Stellantis traz chinesa Leapmotor ao Brasil e anuncia R$ 14 bilhões para produzir híbridos em MG

ISTOÉ Dinheiro





A NOVA CARA DA PETROBRAS

Sob comando de Magda Chambriard, a maior empresa brasileira terá o desafio de acelerar os investimentos em US$ 100 bilhões até 2030 e atender às demandas do governo Lula, sem criar mais atritos com o mercado e os acionistas



QUANTO CUSTAM AS TRAGÉDIAS

Em um País onde as autoridades parecem pouco ligar para o tamanho do buraco, brasileiros vão percebendo a duras penas como a irresponsabilidade oficial custa diretamente no seu bolso. Agora é o próprio Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, através de dados compilados no seu "Atlas de Desastres", que dá uma dimensão do estrago. Pelas suas contas, nada menos que R$ 485 bilhões foram devorados por meio dos chamados desastres naturais em um período de 11 anos. Isso dá mais de R$ 40 bilhões ao ano de perdas nesse intervalo de pouco mais de uma década. É inacreditável, embora a tendência seja de o quadro financeiro desse descaso se agravar com o aumento sistemático dos eventos climáticos. Mais estarrecedor é saber que o rombo bilionário poderia ser poupado caso medidas efetivas de prevenção fossem tomadas. Mas não, ao contrário: elas vêm sendo dispensadas, seus recursos (em muitos casos) cortados. O montante do prejuízo não parece ter limites. Atinge igualmente a área pública e a privada – de escolas a hospitais, toda a infraestrutura, a atividade agrícola e, evidentemente, as camadas mais pobres da população, que são as mais afetadas. É um estrago indeterminado.

Desde, ao menos, 2012 o Brasil vive essa sina. O Tribunal de Contas da União (TCU), não é de hoje, segue alertando sobre a importância de investimentos preventivos, apesar de o aviso não ter surtido efeito. Enquanto isso, o ocorrido no Rio Grande do Sul se converte na tragédia mais cara que o Brasil já teve. Apenas a Fecomercio local informa que os prejuízos patrimoniais já ultrapassaram o patamar de R$ 1,7 bilhão. Contabilizadas as dez maiores catástrofes nacionais, é possível verificar que os gastos em obras emergenciais atingiram cifras indecentes, por falta justamente de ações anteriores que poderiam minimizar o problema. Nas inundações gaúchas de agora, o socorro já consumiu mais de R$ 11,5 bilhões, sem contar o número de vítimas e mortes que é, decerto, o lado mais dramático. Obras para conter eventuais avanços da água, prometidas em seguidas gestões, foram descartadas. Parte nem teve início e, em outras, prazos foram esticados e verbas não lançadas, com toda sorte de protelações.

Agora, o governo Lula pretende, a título de alívio para municípios atingidos, lançar um pacote de quase R$ 500 bilhões em reparcelamentos de dívidas previdenciárias e precatórios. Também lançou uma medida provisória para flexibilizar a lei de licitações em casos de calamidade. O objetivo é facilitar contratações pelo poder público em momentos como o atual. Em poucos dias, segundo o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, sairá também um plano concebido para salvar as grandes empresas locais. Diz Haddad que, com isso, também será possível assegurar e preservar empregos, aumentando a produtividade das companhias. Ao menos, ainda que de forma aquém das necessidades, a gestão federal vem tentando cumprir o seu papel de provedor dos desassistidos. Há um longo caminho pela frente nessa jornada.

Carlos José Marques
Diretor editorial

FOTOS: TÂNIA RÊGO | CLAUDIO GATTI | LEO LARA | DIVULGAÇÃO

Índice

CAPA Foto: André Maceira/ANP



FALA, LULA
CARA A CARA COM PREFEITOS

Em sua primeira aparição diante dos chefes executivos municipais neste ano, o presidente Lula foi recebido entre vaias e aplausos. A situação, que define bem a polarização política que o Brasil enfrenta, foi alvo de grande parte do discurso do petista. Segundo ele, é preciso impedir que a disputa ideológica-política tire o foco em uma gestão de boa qualidade. "A eleição não pode permitir que percamos a civilidade", disse. O discurso envolveu ainda uma explanação sobre o papel de um prefeito, que não depende de partidos políticos. "Quando assumimos um cargo de gestão, deixamos do lado de fora a bandeira política. Governamos para todos", afirmou. O principal ponto de reivindicação por parte dos líderes municipais que estavam em Brasília na 25ª edição da Marcha dos Prefeitos para o governo federal é o alto endividamento das cidades, fator que tem colocado 84% delas em alerta operacional, com possibilidade de prejudicar o andamento da máquina pública. "O governo apresentará novo prazo para financiamento de dívidas previdenciárias dos municípios com renegociação de juros e teto máximo de comprometimento da receita corrente líquida". Segundo ele, o governo também trabalha para acelerar o envio de recursos via PAC, mas depende de aprovação do Legislativo. Em aberto no discurso de Lula, no entanto, ficou a questão da desoneração da folha de pagamento do funcionalismo público, questão que tem colocado em rota de conflito Judiciário, Executivo e Legislativo, e ainda não tem resolução.

INTERNACIONAL
EUA dizem não a Lula

A secretária do Tesouro dos Estados Unidos, Janet Yellen, disse que Washington não é a favor de criar um imposto global para a riqueza de bilionários. A ideia é aventada por países como o Brasil e a França. O governo do presidente Lula quer aproveitar a presidência brasileira do G20 para discutir a questão. "Acreditamos na tributação progressiva", afirmou Yellen, citada pelo jornal Wall Street Journal. Ela declarou que os EUA "não apoiam nenhum acordo global comum para tributar bilionários com receitas redistribuídas de alguma forma". Ela disse: "Isso é algo que não podemos assinar". A proposta do governo brasileiro seria um imposto mínimo global de 15% de multinacionais. A implementação dessa taxa tem enfrentado obstáculos por parte dos EUA e de outros países. Parece que não vai ser fácil.

ALERTA
94% dos municípios já tiveram alerta da calamidade

Com a tragédia no Rio Grande do Sul colocando luz a falta de infraestrutura dentro das cidades, a Confederação Nacional dos Municípios (CNM) apontou que 5.233 cidades brasileiras, ou 94% das unidades federativas municipais, foram afetadas pelo menos uma vez por eventos que resultaram em decreto de situação de emergência ou estado de calamidade pública, entre os anos de 2013 e 2023. O impacto nas populações desses locais foi de 2.667 mortes e os prejuízos somaram R$ 639,4 bilhões.Segundo o presidente da CNM, Paulo Ziulkoski, apenas as prefeituras somaram ao longo dos anos pesquisados um prejuízo de R$ 81 bilhões, em função desses eventos. "De tudo isso, o governo federal autorizou R$ 9,5 bilhões, nesses anúncios ao longo desses anos de todos os governos, e o que foi pago foi R$ 3 bilhões". O número de moradias afetadas por desastres, que chegam a 2,6 milhões, sendo que desse total, 115 mil habitações foram totalmente destruídas, somando um prejuízo de R$ 36,2 bilhões em moradias.



 FOTOS: RICARDO STUCKERT I DIVULGAÇÃO

INÊS 249

INDICADOR

Supermercados cresceram 10% em 2023

O setor supermercadista registrou crescimento de 10,1% em 2023, movimentando cerca de R$ 300 bilhões, divulgou a Associação Paulista de Supermercados (Apas). Isso representa 9,3% do Produto Interno Bruto (PIB) paulista e 2,8% da economia nacional.No ano passado, São Paulo arrecadou R$ 3,2 milhões, um crescimento econômico de 0,8% em relação ao ano imediatamente anterior. Os 23 mil estabelecimentos presentes no estado foram responsáveis por 4,9% do total arrecadado de ICMS, o equivalente a R$ 9,5 bilhões.

R$ 228,87 bi

Foi o montante arrecadado pelo governo federal em abril, alta real de 8,26% sobre um ano antes, o melhor desempenho desde 2000. No acumulado dos primeiros quatro meses do ano, o volume arrecadado alcançou R$ 886,642 bilhões, 8,33% mais que em 2023

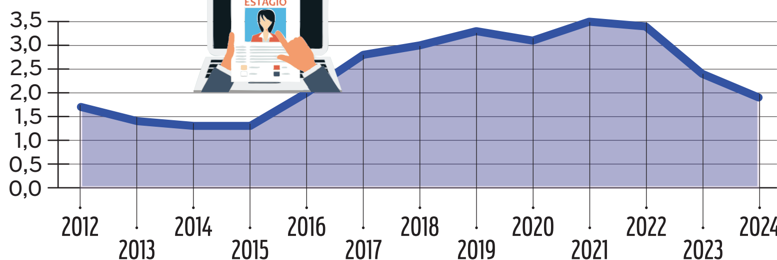
MERCADO DE TRABALHO

Menos desalento

Com a melhora do mercado de trabalho nos últimos três anos, o número de trabalhadores que buscam emprego há mais de dois anos caiu ao menor patamar para um 1º trimestre em nove anos. Segundo o IBGE, a chamada "taxa de desemprego de longa duração" ficou em 22,2% no primeiro trimestre deste ano, com 1,9 milhão de pessoas desocupadas há dois anos ou mais. Esse número é 6,1% maior do que o observado no trimestre imediatamente anterior, mas representa uma queda de 14,5% em comparação ao mesmo período de 2023. No primeiro trimestre de 2015, eram cerca de 1,4 milhão de desocupados há mais de dois anos

TEMOS VAGAS

Pessoas a partir de 14 anos, que estão buscando emprego há dois anos ou mais (Em milhões)



TERMÔMETRO

Famílias querem consumir mais

Com o bom desempenho do Desenrola (que foi prorrogado por mais dois meses), a Intenção de Consumo das Famílias (ICF) avançou 1,3% em maio, descontados os efeitos sazonais. Esse é o segundo resultado positivo consecutivo do índice, apurado mensalmente pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). O indicador apresentou alta em todos os componentes. No comparativo com maio de 2023, o aumento foi 6,4%. A ICF está em 102,9 pontos, na zona de satisfação (em que se encontra desde agosto do ano passado). O índice que mede a satisfação dos consumidores em geral com o acesso ao crédito cresceu 2,2% no mês, impulsionado pelas quedas consecutivas da taxa Selic. Em maio, 31,4% dos entrevistados consideraram mais fácil o acesso ao crédito, o maior percentual desde abril de 2020.



FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)

EDITORA
CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE-EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY

ISTOÉ Dinheiro

DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
MARCOS STRECKER

REDATOR-CHEFE
HUGO CILO

EDITORES: Beto Silva e Paula Cristina
REPORTAGEM: Allan Ravagnani, Jaqueline Mendes e Letícia Franco

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Iara Spina
ILUSTRAÇÃO: Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
WEB DESIGNER: Alinne Nascimento Souza

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

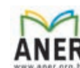
Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE - Contato: publicidade1@editora3.com.br

Diretora de Publicidade: Débora Liotti - deboraliotti@editora3.com.br; **Gerente de Publicidade:** Fernando Siqueira - Publicidade1@editora3.com.br; **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira - reginaoliveira@editora3.com.br; **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira - **Contato:** publicidade@editora3.com.br

ARACAJU – SE: Pedro Amarante • Gabinete de Mídia • Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano • Dandara Representações • Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira • 1a Página Publicidade Ltda. • Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes • RR Gianoni Comércio & Representações Ltda • Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 •
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP





POR HUGO CILO

ROBÔ É BOM, MAS ASSESSOR HUMANO É MELHOR



O uso da tecnologia no mercado financeiro tem evoluído nos últimos anos e ajudado nas decisões de investimento. Fato. Mas as skills humanas seguem como indispensáveis para as tomadas de decisão, segundo levantamento da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). Um estudo em parceria com o Datafolha, chamado de "Raio X do Investidor Brasileiro – 2024", constatou que o meio preferido pelos investidores no Brasil para decidir o melhor produto financeiro é o contato com um gerente ou assessor de forma presencial. Ao todo, 28% dos mais de 2,1 mil entrevistados fizeram essa escolha em 2023, contra 23% no ano anterior. Ao mesmo tempo, os aplicativos foram os recursos mais utilizados para efetuar os investimentos, com 45% em 2023 (aumento de 2% em comparação com 2022). A preferência pelo assessor humano e a popularização dos robôs evidenciam que o casamento entre os dois é a tendência do mercado de investimentos, segundo **Daniel Oliveira**, vice-presidente de Serviços e Tecnologia da consultoria Falconi. "No mercado de investimento, a tecnologia tem a função de complementar a atuação de um assessor, gerando insights sobre o histórico de cada cliente e reavaliando os perfis de risco", afirmou Oliveira. "Isso ajuda os especialistas a gerar recomendações de forma otimizada, tanto do ponto de vista do cliente, quanto da produtividade dos escritórios." Entre os benefícios que a tecnologia pode trazer para o ecossistema das assessorias de investimento, segundo Oliveira, estão as definições de carteiras a partir da utilização de IA para ajudar a definir o perfil de risco de cada cliente, possibilitando gerar recomendação de investimentos mais adequadas aos perfis, que desencadeia no aumento na satisfação no atendimento. A falta dessa integração pode trazer desafios para o momento atual das assessorias de investimentos. "O número de investidores vem aumentando e, por consequência, a subdivisão das carteiras atendidas pelos assessores, surgindo a necessidade de aumentar a produtividade para que as metas estipuladas por essas empresas sejam de fato alcançadas", acrescentou o especialista. "Ao deixar a tecnologia de lado nesses momentos, é mais comum que se façam avaliações de risco inadequadas, além da perda de eficiência e alcance do potencial de cada assessor."



CRESCE PROCURA POR **CURSOS DE GESTÃO** PARA NEGÓCIOS GASTRONÔMICOS

 | FOTOS: BRUNO VANENCK | SELMY YASSUDA | DIVULGAÇÃO



PINGUIM LANÇA **COMPANHIA B2B**

Conhecida como o Tinder das viagens, a startup Pinguim, que conecta pessoas interessadas em encontrar companhias para viagens, aposta no corporativo. A nova empresa, a Pinguim Incentive Travel & Tech, foi idealizada pelas sócias **Grace Cauzo** (*à esq.*) **e Renata Franco**. Elas desenvolveram uma tecnologia que utiliza IA para personalizar roteiros para quem viaja a trabalho ou que recebe viagem como premiação de suas empresas. O Pinguim monta uma viagem personalizada, com indicação de consumo no comércio local e dá preferência estabelecimentos com iniciativas ESG. A divisão B2B já alcançou faturamento de R$ 15 milhões e tem contrato com mais de dez empresas, com viagens para destinos como Alemanha, Itália, EUA, África do Sul, Suíça e Brasil.

MAIS ENERGIA PARA O **GRUPO DELTA**



O Grupo Delta Energia captou na última semana R$ 250 milhões para seu projeto de geração de energia solar. A estruturação de Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRIs), coordenada pelo Banco Modal, integrante do grupo XP Inc., e One Corporate, é considerada a maior emissão de CRI de Geração Distribuída (GD) do Brasil. A operação teve uma demanda total, durante todo o período de captação, de R$ 737 milhões, quase quatro vezes à oferta inicial, o que reforça a credibilidade da empresa no mercado. “Ter à frente uma empresa sólida e robusta financeiramente, com mais de 22 anos de história e experiência no setor elétrico, foi o nosso grande diferencial”, disse o CFO **Rodrigo Pereira**.



CLOUDWALK LEVANTA **R$ 1,6 BILHÃO**

A CloudWalk, dona da plataforma de soluções financeiras InfinitePay, acaba de levantar R$ 1,6 bilhão em quatro novos FIDCs, que serão usados para financiar a antecipação de recebíveis de cartão de crédito. A operação teve uma demanda três vezes maior que a oferta e contou com 30 instituições compradoras das cotas. Segundo **Pablo de Mello**, COO da CloudWalk, a combinação de crescimento rápido com lucratividade veio a partir da diversificação do portfólio ocorrida nos últimos dois anos. Hoje, 80% dos empreendedores usam ao menos dois produtos da InfinitePay.

O Brasil é o quinto maior mercado de food service no mundo. Em 2023, as vendas desse mercado alcançaram R$ 234,9 bilhões. Por trás disso, existe um exército de empreendedores que procuram por capacitação para fazer essa roda girar. A Politi Academy, plataforma on-line fundada por **Marcelo Politi,** auxilia empresários do setor. De 2022 para 2023, passou de faturamento de R$ 1,8 milhão para R$ 9,2 milhões. Para 2024, a previsão é chegar a R$ 25 milhões. “É notável que ainda existe uma lacuna no mercado de educação para donos de restaurantes”, disse Politi, responsável por trazer as operações do Hard Rock Café para o Brasil. Entre os dias 4 e 5 de junho, Politi reunirá cerca de 800 empresários do setor para o evento Acelera Food Nation, no Teatro Santander em São Paulo.

AS MELHORES UNIVERSIDADES DO MUNDO

UM RANKING ELABORADO PELO CENTER FOR WORLD UNIVERSITY RANKINGS (CWUR), CONSULTORIA DOS EMIRADOS ÁRABES, APONTOU AS MELHORES INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DO PLANETA. CONFIRA:

Posição	Universidade
1º	Univ. Harvard
2º	Inst. Tecn. Massachusetts
3º	Univ. Stanford
4º	Univ. Cambridge
5º	Univ. Oxford
117º	USP
370º	Unicamp
401º	UFRJ
437º	Unesp

Critérios e peso para a avalição das universidades



Fonte: CWUR

ENTREVISTA | **Pedro Bartelle,** CEO da Vulcabras

“As fábricas de calçados no Rio Grande do Sul estarão a pleno vapor em 30 dias”

Empresário elogia o empenho e a coordenação entre a iniciativa privada e os governos, mas afirma que ninguém estava preparado para lidar com uma situação de proporções sem precedentes na história do estado gaúcho

Hugo CILO

 FOTO: CLAUDIO GATTI

O empresário gaúcho Pedro Bartelle, CEO da Vulcabras (dona das marcas de calçados Olympikus, Mizuno e Under Armour), mergulhou na catástrofe climática do Rio Grande do Sul nas últimas semanas. Mergulhar não é força de expressão. Ao lado de outros grandes empresários do estado, ajudou no resgate de vítimas das enchentes em Porto Alegre com todos os instrumentos que tinha disponível: colocou na água barcos e jet-ski, transformou casa de veraneio em base de apoio para equipes de ajuda, doou combustível, colocou caminhões da empresa para distribuir doações e mantimentos. Nos bastidores, usou sua influência e networking no mundo empresarial para coordenar os esforços da iniciativa privada na reconstrução das áreas mais atingidas. Tudo para ajudar na maior crise já vivida pelo Rio Grande do Sul. “Não me lembro de ter visto nada parecido. Muito impressionante”, afirmou Bartelle, em entrevista à DINHEIRO. Mas as ações foram muito além disso. A Vulcabras criou um plano de apoio aos comerciantes prejudicados pelos alagamentos. Mais de meio milhão de pares de calçados, o equivalente a R$ 200 milhões, foram perdidos nos pontos de venda. Agora, segundo ele, o sentimento é de união e reconstrução. Confira, a seguir, sua entrevista:



Falar de política num momento desse é algo muito delicado. Mas, no que participei, vi tanto a iniciativa pública quanto privada querendo fazer. Ninguém ficou parado, salvo algumas exceções. Os governos foram incansáveis no trabalho”

DINHEIRO — A maior tragédia da história do Rio Grande do Sul tem sido comparada com a catástrofe do Furacão Katrina, em Nova Orleans, em 2005. Você concorda?

PEDRO BARTELLE — São diferentes nas características, mas iguais em alguns aspectos. Os estragos no Rio Grande do Sul cobrem uma área muito maior. Hoje saí de Porto Alegre pelo corredor humanitário e fui até Caxias do Sul para pegar um voo para São Paulo. Nos 120 quilômetros do trajeto por terra, poucos lugares não tiveram alguma alteração. Levei quase três horas. Onde havia rios, não se vê mais as margens. As plantas estão deitadas por onde passou a água. Muitos morros que nunca foram tocados pelo ser humano tiveram deslizamentos. Eu que sou Farroupilha, região de serra, não me lembro de ter visto nada parecido. Muito impressionante.

Qual será o impacto da destruição na indústria gaúcha?

Os impactos serão diferentes em cada setor. No caso da Vulcabras e do setor calçadista, os impactos serão menores em algumas empresas, maiores em outras. Isso porque 24% dos calçados produzidos no Brasil saem do Rio Grande do Sul. Mas apenas 5% do faturamento da Vulcabras vem de negócios feitos no estado. Temos fábricas na Bahia e no Ceará. Então, claro que haverá um impacto, com efeitos negativos sobre a produção, mas será menor do que o baque nas empresas que produzem calçados femininos, que são mais artesanais e estão mais concentrados lá. Mesmo assim, na nossa projeção, todas as fábricas de calçados no Rio Grande do Sul estarão a pleno vapor em 30 dias.

Mas vai resolver produzir, mesmo com problemas de logística, pontes destruídas, aeroporto interditado e parte do comércio ainda fechado?

O estado vai se reerguer. O esforço coordenado para recuperar o que foi destruído, com a união da iniciativa privada e dos governos, vai ajudar muito. Algumas estradas já estão sendo recuperadas. Hoje o grande problema tá em Porto Alegre, mais no nível do mar, onde alagou tudo. A serra sofreu muito, mas agora está em franca recuperação. Calculo que nos alagamentos das lojas perdemos algo em torno de meio milhão de pares, o equivalente a cerca de R$ 200 milhões. Em Porto Alegre, atendemos umas 2 mil lojas. Metade delas está debaixo d’água. Então, vamos perder 2%, 3% ou 4% do nosso faturamento. A gente ainda não sabe. Mas estamos trabalhando para tentar conseguir compensar esse faturamento com a produção em outros estados.

Como a Vulcabras vai ajudar os comerciantes prejudicados?

Suspendemos qualquer cobrança dos nossos clientes no Rio Grande do Sul e estamos montando uma estrutura para auxiliar as lojas. Vamos entregar condições especiais para recuperar os estoques. Muitas lojas têm seguros, mas sabemos que vai demorar para a roda voltar a girar. Então, estamos estudando aqui condições especiais e de produtos para dar algumas vantagens para essas lojas poderem se reerguer. E estamos fazendo uma grande mobilização para incentivar o Brasil a consumir produtos gaúchos. Por meio da Abicalçados [a associação do setor] estamos pensando em solicitar subsídios financeiros dos governos para ajudar nessa reconstrução das fábricas e do comércio que foram afetados.

A fábrica da Vulcabras não foi afetada?

Nossa unidade em Parobé fica em uma área alta, no início da subida da serra. Lá temos um centro de pesquisa e desenvolvimento, confecção de amostras e de matrizes, que emprega um pouco mais de 1 mil pessoas. A inteligência da empresa é ali. E não foi afetada pelas águas. Tivemos 35 famílias que trabalham com a gente com problemas grandes com a enchente. Mas rapidamente demos assistência a essas pessoas. Ajudamos a repor todas as perdas.

Como foi sua atuação na ajuda aos afetados pela enchente em Porto Alegre?

Junto com outros empresários, não paramos nos últimos dias. Colocamos à

disposição barcos, ilhas e jet-ski. A gente mobilizou um grupo de empresários e montou na usina do gasômetro, que é um ponto do lago Guaíba, uma estrutura com combustível. Assim, com os jets e os barcos começamos a auxiliar em resgates. Muitos amigos e eu temos casa na região das ilhas. Tudo se transformou numa base de apoio. Nos primeiros dias a gente chegou a contabilizar 500 mil litros de combustível da iniciativa privada. Então, assim, fizemos uma mobilização grande para ajudar no salvamento.

O apelo para que as pessoas comprem e consumam produtos do Rio Grande do Sul vai ter algum efeito?

Olha, nunca passei por uma situação parecida com essa. Realmente, uma catástrofe tão grande. Mas também nunca tinha visto uma mobilização tão grande. A iniciativa privada tem se envolvido muito. Eu participo do Instituto Cultural Floresta, que é uma organização da sociedade civil liderada por empresários, e a gente conseguiu arrecadar muito dinheiro. A própria Abicalçados está numa campanha para ajudar a reconstruir casas. Então, acho que tem uma mobilização muito grande. Estamos recebendo doação de dinheiro de Mônaco, do Canadá, da Austrália... Então, pela mobilização que temos visto, não acho que será difícil motivar as pessoas a comprar produtos do Rio Grande do Sul.

Qual a sua avaliação do papel do governo federal, do estadual e prefeituras na coordenação das ações da enchente?

Falar de política num momento desse é algo muito delicado. Mas, no que participei, vi tanto a iniciativa pública quanto a privada querendo fazer. Ninguém ficou parado, salvo algumas exceções. Os governos foram incansáveis no trabalho. Todos tentando fazer. Mas o fato é que ninguém estava preparado para algo tão grande. Nosso estado não estava. A sociedade civil não estava. Nós mesmos, empresários, fizemos o que dava para fazer, mas precisávamos ter muito mais organização. Desde o início, principalmente agora, a gente tem que usar o músculo cérebro. A gente precisa de muita organização para fazer chegar as doações, para fazer com que esse dinheiro seja bem empregado para reconstruir tudo.

O setor espera algum ajuda do governo para reaquecer a economia do estado?

Esperamos que haja sensibilidade e alguma forma de ajudar a recuperar a economia gaúcha, sim. Isso pode ser em forma de redução de impostos ou mesmo de financiamento para as empresas e municípios mais atingidos. Se site chinês hoje não paga imposto, por que nós, na situação que estamos, devemos pagar? Nossa indústria é muito forte. O povo gaúcho, que eu conheço muito bem, é um povo muito trabalhador. Não podemos esquecer que a indústria calçadista é o quinto maior empregador da indústria de transformação do Brasil. É uma indústria resiliente, mas que sofre muito com a invasão de produtos chineses. Então, espero que os incentivos venham, pelo menos até que o Rio Grande do Sul se reorganize e que a máquina volte a girar.



> Se site chinês hoje não paga imposto, por que nós, na situação que estamos, devemos pagar? A indústria calçadista é o quinto maior empregador da indústria de transformação do Brasil. É uma indústria resiliente, mas que sofre com a invasão de produtos chineses"

O que será no pós-tragédia e como se preparar para as próximas enchentes, já que sabemos que esta não foi a última?

Tanto as pessoas quanto as empresas terão de se transferir para lugares mais seguros. Acho que vai mudar um pouco a geografia do Estado e das cidades. Vamos ter de nos reorganizar para instalar pessoas e empresas, principalmente na região metropolitana de Porto Alegre. Temos muitas regiões que sobreviveram, muitas regiões que foram preservadas. E isso vale não só para o Rio Grande do Sul. Não sou especialista em clima, mas posso relembrar o que aconteceu com a Amazônia no ano passado, que enfrentou a maior seca da história. Em qualquer lugar do mundo, não estamos imunes às mudanças climáticas. Precisamos nos preparar.

O Rio Grande do Sul não se preparou?

Porto Alegre se preparou depois da grande enchente de 1941. Cerca de 20 anos depois, na década de 1960, havia toda uma estrutura para proteger a cidade. Mas agora ninguém se preparou para um dilúvio desse tamanho. Antigamente, havia muito menos casas em áreas próximas da água. Os rios tinham um calado muito mais profundo. O assoreamento dos rios nos dias de hoje é um problema também. Então, as realidades mudaram. Temos de estudar alternativas para evitar problemas.

A maior feira do setor calçadista, a BFShow, foi realizada em São Paulo apesar do caos no Rio Grande do Sul. Como foi o clima do evento?

Conversei com o presidente da Abicalçados, o Haroldo Ferreira, para perguntar isso antes da feira. Ele me disse que todos os empresários do setor no Rio Grande do Sul iam dar um jeito. Até surgiu uma frase que ficou famosa lá, que 'de ônibus, de avião ou a pé, os gaúchos vão para a feira'. Então, o clima da feira foi relativamente bom. Por mais que a gente esteja triste e decepcionado com tudo que está acontecendo, estamos com o sentimento de reconstrução do estado e de volta à normalidade. A feira é muito importante para que as empresas voltem a fazer negócios. A feira está aí para mostrar que a indústria é forte. Que o povo gaúcho é resiliente.

INÊS 249



LINCOLN FRACARI :

CONHEÇA A HISTÓRIA DE SUCESSO E DETERMINAÇÃO DO CEO DO GRUPO CHINA LINK QUE É REFERÊNCIA NO MERCADO DE IMPORTAÇÃO NO BRASIL

Jornalista Daniela Duarte

O empresário Lincoln Fracari, Paulista, tem 37 anos e tem uma história de vida que comprova que persistência, determinação e espírito empreendedor podem lhe tornar um empresário bem sucedido como ele. Idealizador e fundador do Grupo China Link, um grupo multimilionário composto por mais de 20 empresas espalhadas no Brasil e China, já empregou mais de 300 pessoas e é referência em consultoria de importação no Brasil.

Desde criança, Lincoln tinha o sonho de ser um vencedor na vida. Seu primeiro emprego foi com apenas 16 anos no McDonald's, onde ele considera a maior escola de vida profissional para qualquer pessoa. "Ainda jovem, ali percebi que essa empresa ensinava a preparar uma pessoa para o mundo. Era uma rotina puxada, porém, de muito aprendizado, aprendi a lidar com atendimento ao público. Trabalhei também na área de call center, depois de entregar muitos currículos no centro de São Paulo e foi nela que tive meu primeiro cargo de liderança. Nessa mesma época abri ainda minha própria empresa de treinamentos e me tornei um consultor de vendas.", conta.

Em 2009, Lincoln tomou a maior decisão de sua vida, pediu demissão da empresa que trabalhava e foi para China. Sabia que a partir dali tudo mudaria e foi essa garra que o levou a empreender e a realizar o seu sonho. *"Com R$15 mil na minha conta bancária me mudei para China, levando na bagagem sonhos e muita determinação. Lá fui segurança de casas noturnas e bares, professor de português para chineses, fui preso por 15 dias por dirigir sem habilitação chinesa na estrada, fui vendedor de fibra óptica para o Brasil, além de acompanhar celebridades e autoridades do Brasil no país chinês. Até finalmente começar a trabalhar de casa em um computador. Ali foi o início de um projeto que deu certo, basicamente a China Link foi fundada assim, ainda na China"*, narra o empresário.

Hoje, Lincoln Fracari é um exemplo de superação e empreendedorismo no país, inspirando outros com sua história de determinação e perseverança. Sua trajetória é um testemunho do poder da resiliência e do trabalho árduo na construção de um futuro promissor. O grupo China Link possui mais de 15 anos de experiência, é composto por mais de 20 empresas de segmentos distintos, já ajudou mais de 10 mil empresas a importarem e levarem mais de 1500 empresários para a maior feira multissetorial do mundo (feira de Cantão).

"Os serviços da China Link, por exemplo, são voltados exclusivamente para acompanhar a importação do cliente desde quando ainda é um projeto no papel, até a chegada dos produtos na sua porta. Na nossa consultoria de importação oferecemos serviços que vão desde simulação de custos, busca de fornecedores, purchasing, auditoria de fábrica e QC (controle de qualidade). Temos uma equipe altamente de qualidade e preparada para atender de forma personalizada nosso cliente", disse.

Ele ainda é escritor e autor de Best Seller, palestrante e professor. Encoraja outras pessoas a seguirem seus sonhos, lembrando-as de que, embora as dificuldades sejam inevitáveis, o sucesso é possível.

Seus livros estão entre os mais buscados no segmento empreendedorismo do país. O seu último lançamento foi *"Cabeça de Líder, Mentalidade de CEO"*, que aborda temas de liderança, oferecendo uma abordagem inovadora e prática para quem busca se destacar no mundo dos negócios. Outro livro inspirador de Lincoln é 'Importador Profissional - O Caminho para Importação da China', onde conta seus desafios nos 12 anos que morou na China e é uma inspiração para empreendedores que querem importar, pessoas interessadas em desenvolvimento pessoal e na cultura oriental.

Lincoln desde muito cedo ingressou no empreendedorismo e enfrentou diversos desafios, porém sempre mantendo o foco no seu objetivo. Ele conta que sua maior missão é contribuir e impactar vidas através de suas experiências. *"Eu quero fazer um Brasil melhor, preparando e transformando as vidas dos pequenos empresários para que se tornem economia. Quero que elas acreditem no potencial que tem de liderar, de crescer e realizar seus sonhos como empresa e no desenvolvimento pessoal"*, disse.

Para ficar por dentro do dia a dia desse empresário visionário de sucesso, siga-o nas redes sociais: @lincolnfracari / www.lincolnfracari.com e também a sua empresa, que é referência no mundo: @chinalinktrading / www.chinalink.info / www.grupochinalink.com

 POR ALLAN RAVAGNANI



Nike, CIEE e Corinthians anunciam bolsas para jovens negros

A Nike, em parceria com o Centro de Integração Empresa Escola (CIEE) e o Corinthians, anunciou a publicação de um edital que vai distribuir 20 bolsas de estudo a jovens negros e negras da região metropolitana de São Paulo. A iniciativa, que se estenderá por quatro anos (2024-2028), representa a segunda fase do projeto iniciado em 2022.

Das 20 bolsas, nove serão destinadas a participantes dos programas sociais apoiados pela Nike em São Paulo, outras nove para jovens vinculados ao CIEE e duas para atletas federados do Corinthians. A iniciativa visa aumentar a representatividade negra na gestão do esporte.

Em complemento à oportunidade de acesso ao ensino superior, o Corinthians se compromete a priorizar a contratação desses estudantes em futuros processos seletivos. As bolsas, 100% integrais, são para o curso de administração da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), que contará com disciplinas voltadas para o mercado esportivo.

Os estudantes também receberão uma bolsa auxílio e suporte financeiro durante todo o período de formação, para custeio de transporte e alimentação, além de apoio psicossocial e profissional a ser conduzido pelo CIEE.

O edital, contendo todas as informações e documentos necessários para a participação, está disponível no portal do CIEE. O período de inscrição será de 15 de maio a 15 de junho. Além da relação dos estudantes com os programas sociais apoiados pela Nike em São Paulo, com o CIEE ou com o Corinthians, as outras condições para se inscrever são: ser autodeclarado preto ou pardo, ter cursado integralmente o ensino médio em escola pública, nota do ENEM a partir de 2019 e morar na região metropolitana de São Paulo.



TELECOM

TIM DIVULGA SEU 20º RELATÓRIO ESG E PROJETA METAS ATÉ 2026

Sob comando do CEO **Alberto Griselli**, a TIM divulgou seu Relatório ESG 2023 – o 20º publicado pela empresa – e apresentou os compromissos assumidos para o triênio 2024-2026. O plano atualiza compromissos como ser uma empresa net zero até o ano 2040. Isso significa zerar as emissões diretas e indiretas de gases do efeito estufa, incluindo toda a cadeia de valor. Para alcançar esse objetivo, uma das apostas é manter 100% de consumo de energia elétrica renovável, fruto, principalmente, da geração de energia advinda das mais de 100 usinas próprias que integram o projeto de Geração Distribuída, além da aquisição de energia no mercado livre e de certificados de energia que atestam a fonte limpa.

 FOTOS: DIVULGAÇÃO



RESÍDUOS

STARTUP QUER FATURAR RECUPERANDO METAIS NOBRES

Você já parou para pensar para onde vão parar os resíduos eletroeletrônicos, como computadores, tablets e celulares, depois que os jogamos fora? A startup RECICLI, do CEO **Flávio Pietrobon**, surgiu para reciclar esses resíduos utilizando tecnologias sustentáveis.

O diferencial da tecnologia é extrair os metais nobres, como ouro, prata, níquel, paládio, manganês, cobalto, ferro, magnésio e lítio, presentes nesses resíduos, para vendê-los novamente ao início da cadeia produtiva.

R$ 750

MILHÕES PROJETADOS EM RECEITAS POR ANO COM A VENDA DESSES METAIS NOBRES. A META DA RECICLI É REALIZAR O PROCESSAMENTO DE 4,5 MIL TONELADAS DESSES METAIS, UTILIZANDO SUA TECNOLOGIA PATENTEADA E SUSTENTÁVEL. DE UMA TONELADA DE EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS, A EMPRESA QUER RECUPERAR CERCA DE 50 QUILOS DE METAIS NOBRES, O QUE GERA UM VALOR TOTAL SUPERIOR A R$ 116 MIL POR TONELADA.

HONEYWELL

TRÊS MANEIRAS QUE A INDÚSTRIA PODE REDUZIR OS RESÍDUOS

A Honeywell adotou três soluções relacionadas à redução dos resíduos gerados diariamente: a primeira é tecnologia circular dentro da empresa visando otimizar recursos e minimizar o impacto ambiental através da reutilização, reparação, recondicionamento e reciclagem. Outro ponto é evolução da reciclagem. O terceiro é o processo UpCycle, que amplia o número de tipos de plásticos recicláveis para incluir resíduos que não seriam reciclados.



Na DeMillus 72% dos líderes são mulheres



Fundada em 1947, companhia é líder do mercado de lingerie

Respondendo por um quarto da força de trabalho na indústria, a chegada de mulheres a cargos de gestão nesse setor, entre 2008 e 2021, aumentou de 24% para 31,8%, segundo o Observatório Nacional da Indústria da CNI. Diante desse crescimento, há uma empresa que sempre se destacou na oferta de oportunidades para mulheres, a DeMillus. Fundada em 1947, a companhia que conquistou a liderança no mercado de consumidores de lingerie, hoje tem a missão de empoderar as brasileiras, refletindo o olhar atento para o desenvolvimento interno de colaboradoras, que representam 78% da força de trabalho de todas as fábricas, onde 66% são mulheres pardas, pretas/negras.



CÉSAR SOUZA
FUNDADOR E PRESIDENTE DO GRUPO EMPREENDA

AS CINCO FORÇAS DO LÍDER QUE O MOMENTO EXIGE

Proliferam, em posições de liderança, indivíduos cujos valores são, no mínimo, questionáveis. Somos surpreendidos diariamente com as peripécias de líderes oportunistas em vários países e em inúmeros negócios e situações.

As constantes turbulências, conflitos e guerras regionais que têm abalado o mundo causando ondas de migração, refugiados, desemprego e afetando a vida de milhões de pessoas, não se originam apenas de uma situação de falta de crédito ou de recursos naturais, mas também da carência de líderes inspiradores e responsáveis. A crise tem sido, em muitos casos... de liderança!

Assistimos ao triste espetáculo de empresas solidas se desmancharem quando o fundador desaparece. Faltam sucessores preparados capazes de liderar a empresa rumo a um novo patamar. Na maioria delas ainda predominam os chefes, em vez de líderes. As empresas insistem em gastar verdadeiras fortunas apenas para formar gerentes mais eficientes, mas não conseguem formar líderes eficazes. Em muitos casos, faltam até mesmo substitutos imediatos paraas posições chave.

O grau de frustração é muito maior do que imaginamos em vários segmentos, não apenas entre executivos, mas também entre profissionais liberais — médicos, advogados, engenheiros, arquitetos, comerciantes em diversos tipo de negócio. As causas são recorrentes: dificuldades para liderar equipes, falta de comprometimento das pessoas, desavenças entre sócios,problemas de comunicação, resultados insatisfatórios,conflito de valores, dentre vários outros.

A consequência tem sido um elevado e crescente índice de distúrbios de saúde mental, tais como depressão, burnout, insônia e as decorrentes doenças fisiológicas causadas pelos inúmeros problemas emocionais. Até o índice de suicídio no Brasil tem assumido índices alarmantes.

Precisamos evoluir do modelo de liderança herdado da era industrial para um mais apropriado para a intensa dinâmica da época atual. Mas quais são, então, as competências do novo tipo de líder que tanto precisamos desenvolver?

Os líderes inspiradores possuem algumas forças que funcionam como alavancas para o seu sucesso:

Força #1: Oferecem um propósito, em vez de apenas empregos e cobrar tarefas ou metas. Fornecem às pessoas aquilo que mais desejam: significado para suas vidas, uma bandeira, uma razão de ser para suas existências;
Força #2: Formam outros líderes, em vez de apenas seguidores. Não se satisfazem em ter atras de si um grupo de liderados seguindo fielmente o rumo traçado e recompensados pela sua lealdade que as vezes beira à subserviência.
Força #3: Constroem pontes, em vez de paredes. Atuam onde fazem a diferença. Não comandam apenas uma equipe de subordinados dentro dos muros de uma empresa. Atuam em todo ecossistema do negócio exercendo a liderança também "fora" da empresa com clientes, fornecedores, formadores de opinião, comunidades, etc
Força #4: Surpreendem pelos resultados, em vez de apenas cumprir metas. Fazem mais que o combinado, entregando resultados incomuns obtidos de pessoas comuns. Sabem compatibilizar o hoje com o amanhã. Constroem no presente, a excelência do futuro.
Força #5: Inspiram pelos valores, em vez de se fiar apenas na hierarquia ou no carisma. Criam um clima de ética, integridade, confiança, respeito, transparência, aprendizado contínuo, inovação, paixão e humildade.

Se desejamos construir empresas mais saudáveis, famílias mais felizes e comunidades mais solidárias, precisamos mudar nossa forma de pensar e de exercer a liderança.

UMA MENTE **MILIONÁRIA**

APRESENTA

O INCORPORADOR BEM INFORMADO SEMPRE ALCANÇA ÊXITO!

Conheça a atuação do Prof. Jamil Rahme, engenheiro civil com mais de 30 anos de experiência em incorporação imobiliária e referência nacional no mercado imobiliário.

Natural de Itabirito-Minas Gerais, o Prof. Jamil Rahme é incorporador há mais de três décadas, tendo viabilizado mais de 120 empreendimentos imobiliários. Rahme é CEO da recém-criada empresa Tryax By Haute, que pretende ser a maior incorporadora do Nordeste.

O profissional, pós-graduado em Engenharia Econômica, Engenharia de Segurança do Trabalho, Transações Imobiliárias, e outras, presta consultorias a incorporadores, mostrando o grande potencial do setor no país. Atuando também na área acadêmica, é professor de Incorporação Imobiliária na pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas, da Universidade Federal de Minas Gerais e da PUC Minas, e criador do CIE - CURSO INCORPORAÇÃO DE EDIFÍCIOS, tendo formado mais de 17.000 alunos. Além disso, Rahme é Diretor da ABENC - Associação Brasileira de Engenheiros Civis, Árbitro na CAMINAS - Câmara Mineira de Mediação e Arbitragem, e na ARBITRARE - Câmara Brasileira de Arbitragem e Mediação.

"O principal fator que impulsionou o meu crescimento profissional foi ter adquirido informação plena da incorporação imobiliária", enfatizou. É importante ressaltar que o incorporador tem as atribuições de prospecção de terreno e sua negociação (normalmente via permuta com unidades no empreendimento), elaboração de estudos de viabilidade econômica e financeira, legalização da incorporação junto ao Cartório de Registro de Imóveis, divulgação e comercialização dos imóveis em planta, entre outras importantes atividades, visando a viabilização do empreendimento imobiliário.

No CIE, Rahme ensina a incorporação imobiliária COMPLETA, nas suas 3 áreas: a técnica, a jurídica e a comercial, apresentando o método MIIP - INCORPORAÇÃO IMOBILIÁRIA PURA, para que o incorporador possa executar todo o empreendimento sem recursos financeiros próprios. O CIE é o único curso da área no país ministrado por professor que é incorporador há mais de 30 anos. Devido ao seu grande destaque, em 2015 foi eleito pelo IMEC – Instituto Mineiro de Engenharia Civil, como o melhor curso da área de engenharia civil no estado de Minas Gerais, tendo recebido diversas outras premiações.

Assim, o Prof. Jamil Rahme disponibiliza excelentes oportunidades para quem deseja ingressar no mercado da incorporação imobiliária, oferecendo curso na modalidade EAD e também ao vivo por videoconferência. Após o término, o aluno estará totalmente preparado para ser incorporador, com compromisso formal do professor, além de acesso ao PAA – Programa de Apoio ao Aluno, para orientações e consultorias.

Jornalista Daniela Duarte





Ter o conhecimento especializado fornecido pelo CIE é um grande diferencial ao profissional! Por isso, a minha missão é levar informação de qualidade sobre a Incorporação Imobiliária ao mercado, qualificando novos incorporadores para uma carreira segura e bem-sucedida. Tenho a visão de colaborar de forma expressiva para a economia do país, já que a Incorporação Imobiliária é a mola-mestre da nossa economia!", destacou o Prof. Jamil Rahme.

INÊS 249

INFLAÇÃO E JUROS DEIXAM MERCADO EM ALERTA

CENÁRIO DE LONGO PRAZO SE DETERIORA NA PERCEPÇÃO DOS INVESTIDORES E EMPURRA PARA CIMA OS JUROS FUTUROS

Jaqueline MENDES

Depois de um breve período de calmaria no primeiro trimestre, o cenário de pressão de custos e resiliência das elevadas taxas de juros praticadas pelos principais bancos centrais voltou a espalhar preocupação entre os investidores. Desde a semana passada, as taxas dos Depósitos Interfinanceiros — os DIs, principais balizadores da renda fixa —, têm enfrentado uma montanha-russa, em especial entre os contratos mais longos, em reflexo com as tensões geradas pela ingerência política na Petrobras e com os impactos econômicos da tragédia no Rio Grande do Sul. Soma-se a isso o novo avanço dos yields dos Treasuries no exterior. Na quarta-feira (22), a taxa do contrato de DI para janeiro de 2025 subiu de 10,355% do ajuste anterior para 10,395%; a do DI para janeiro de 2026 avançou de 10,655% para 10,78%; a do DI para janeiro de 2027 saltou de 11,005% para 11,145% e a do DI para janeiro de 2029 escalou de 11,495% para 11,62%.

Nos bastidores do mercado, as preocupações em torno da governança da Petrobras continuaram influenciando os números após a saída do CEO Jean Paul Prates e a nomeação de Magda Chambriard. Apesar do anúncio ter sido feito na terça-feira, os desdobramentos, como a demissão de 20 profissionais vinculados ao executivo, ainda estavam sendo digeridos. Não por acaso, incertezas sobre o futuro da estatal persistem. “Hoje, com poucos dados divulgados, muitos players estão questionando sobre a situação da Petrobras, a mudança de pessoal e a questão de compliance da empresa”, disse Lais Costa, analista da Empiricus Research em uma reportagem da *Reuters*. “Devido à escassez de informações, esses aspectos acabam exercendo mais pressão”, afirmou.

Além disso, a cautela em relação aos desdobramentos da tragédia causada pelas chuvas no sul do Brasil permanece. Embora os impactos na inflação possam ser menores, o mercado está preocupado com suas consequências no Produto Interno Bruto (PIB) e, especialmente, nas contas do governo. Em sessões anteriores, a cautela em relação à situação fiscal já havia influenciado as taxas de prazo mais longo.

Já no cenário internacional, os rendimentos dos Treasuries mantiveram-se em alta durante a tarde, o que também impulsionou as taxas futuras no Brasil, principalmente nos contratos a partir de janeiro de 2026. O contrato de DI para janeiro de 2025 permaneceu praticamente estável, refletindo a expectativa majoritária de manutenção da taxa básica de juros (Selic) em 10,50% ao ano na reunião de junho do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central.

Na semana passada, uma entrevista do presidente do BC, Roberto Campos Neto, ao *Estadão* também teve repercussão no mercado. Campos Neto afirmou que não poderia antecipar novos cortes na Selic e defendeu a prerrogativa da autarquia de mudar sua orientação futura, se necessário. Ele ressaltou a importância de “tempo, serenidade e calma” para avaliar como as variáveis irão se desenrolar até a próxima reunião.

3,7%
É A TAXA DE INFLAÇÃO PREVISTA PELO MERCADO (FOCUS) PARA 2024, DIANTE DA META DE 3% AO ANO ESTABELECIDA PELO CMN

72%
DE CHANCES DE O COPOM INTERROMPER O CICLO DE CORTE NA TAXA DE JUROS

No entanto, os impactos das declarações de Campos Neto sobre os preços foram mais evidentes no mercado de câmbio. A queda do dólar em relação ao real foi amplamente atribuída aos comentários do presidente do BC. O rendimento do Treasury de dez anos, uma referência global para decisões de investimento, subiu cinco pontos-base, para 4,422%.

DECLARAÇÕES No mercado brasileiro, os agentes financeiros também analisaram atentamente as declarações do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, feitas durante sua participação na Comissão de Finanças e Tributação na Câmara dos Deputados. Haddad expressou sua visão sobre a meta de inflação de 3% no país, a qual ele considerou “inimaginável” e “extremamente desafiadora”. É importante destacar que esses comentários foram feitos em um contexto em que Haddad elogiava a atual trajetória da inflação no Brasil e afirmava que, apesar da dificuldade em alcançar a meta, o objetivo estava sendo alcançado com sucesso.

As declarações de Haddad ecoaram nos círculos financeiros e acabaram influenciando os preços dos ativos. O dólar subiu 0,78%, a R$ 5,1563. Em discussões informais entre economistas em grupos privados, foi sugerido que o "ponto focal" a ser perseguido pelo Banco Central seria uma inflação de 4%, o que está ainda mais distante do centro da meta estabelecida em 3%, assim como das expectativas atuais de inflação para 2025, conforme indicado pelo Focus (3,74%).

De acordo com as análises do mercado de opções digitais do Comitê de Política Monetária (Copom), há uma probabilidade de 72% de o Banco Central interromper os cortes de juros na próxima reunião em junho, em comparação com uma probabilidade de 25,5% de um corte de 0,25 ponto percentual.

AGRO AMEAÇA O PIB E A BALANÇA



INUNDAÇÃO DAS LAVOURAS GAÚCHAS DEVE REDUZIR A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS, ATINGIR AS EXPORTAÇÕES E AFETAR A ECONOMIA

Jaqueline MENDES

Arroz, trigo, milho, aveia... Mesmo que nem todos saibam, grande parte dos alimentos sobre a mesa dos brasileiros é produzida no Rio Grande do Sul, e que hoje tem suas lavouras destruídas pelas inundações do estado ou estão debaixo d'água. Até mesmo a cevada que abastece 25% da demanda das cervejarias do País tem nacionalidade gaúcha. No caso do arroz, o percentual chega a 71%, segundo cálculo da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Isso ajuda a explicar a fatia de 12,6% do Rio Grande do Sul no PIB do agronegócio brasileiro.

Todos esses números sinalizam que o agronegócio deve ser a atividade econômica mais afetada pelas enchentes no Rio Grande do Sul. Um relatório produzido pelo Bradesco projeta que a tragédia provocará uma retração de 3,5% no agronegócio brasileiro neste ano. Com isso, os preços dos alimentos em todo País devem ser pressionados em decorrência das perdas da safra gaúcha. Mesmo com autorização do governo para importação emergencial de arroz, para evitar desabastecimento nacional, é muito provável que os alimentos empurrem a inflação para cima. Afinal, além do arroz, o Rio Grande do Sul também é um dos maiores produtores de soja, trigo e carnes. A sorte — se é que existe alguma neste cenário — é que o estado está no fim da colheita de verão e cerca de 70% da soja e 80% do arroz já foram colhidos.

A isenção das tarifas de importação foi aprovada pelo Comitê Executivo de Gestão (Gecex) da Câmara de Comércio Exterior (Camex), durante reunião extraordinária na segunda-feira (20). "Ao zerar as tarifas, buscamos evitar problemas de desabastecimento ou de aumento do preço do produto no Brasil, por causa da redução de

3,5%
É A ESTIMATIVA DO BRADESCO DE REDUÇÃO DO PIB DO AGRO COM A DEVASTAÇÃO DE PLANTAÇÕES NO ESTADO



UMA SAFRA EM RISCO
Colheitas de arroz, soja e milho são algumas das mais afetadas pelas chuvas no estado

oferta", disse o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), Geraldo Alckmin. A redução a zero das tarifas vale até 31 de dezembro deste ano. A Secretaria de Comércio Exterior do MDIC (Secex) pode prolongar o período de vigência, se considerar necessário. O governo pretende importar até 1 tonelada de arroz para abastecer o mercado e assegurar para o consumidor final o preço de R$ 20 para o pacote de 5 quilos de arroz, na importação do produto.

EFEITOS Pelas contas do Bradesco, na hipótese que metade do que não foi colhido tenha sido perdido nas lavouras por causa do dilúvio, 800 mil toneladas de arroz e 3,2 milhões de toneladas de soja serão perdidas neste ano, o que deve representar redução de 7,5% da produção de arroz e 2,2% na de soja. O relatório destaca que projeções são conservadoras, já que ainda não se sabe a dimensão das perdas nas lavouras gaúchas, além de pastos e rebanhos. O estado foi responsável por 12% dos abates de suínos e 9,5% dos abates de frangos em 2023.

Segundo o Bradesco, o impacto do desastre sobre o PIB nacional deve ficar de 0,2 a 0,3 ponto percentual. A queda também pode colocar em xeque o crescimento econômico de 2% do Brasil previsto em 2024. Analistas estimam que o PIB do Brasil terá crescimento de 2,05% em 2024, segundo o Boletim Focus, do Banco Central (BC). Portanto, uma redução de 0,3 ponto percentual levaria a expansão do PIB para algo perto de 1,75%, o que é uma desaceleração em relação a 2023, quando o Brasil avançou 2,9%.

Tudo justifica as previsões de que os estragos causados pelas chuvas no Rio Grande do Sul vão contaminar a balança comercial deste ano. O estado foi o 6º no ranking dos que mais contribuíram para o superávit da balança comercial em 2023. Os gaúchos responderam por US$ 8,6 bilhões do saldo de US$ 98,9 bilhões registrado no ano passado, o que equivale a 8,6% do total. Os dados são do MDIC. O estado também é o 6º que mais exporta e também o 6º que mais importa. Embarcou para o exterior US$ 22,3 bilhões em 2023 (6,6% do total do País). Importou US$ 13,8 bilhões (5,7%).

Os prejuízos do agronegócio devem ser amplificados em razão dos problemas de logística, que afetam tanto o escoamento da safra, assim como impede a chegada de insumos. Os obstáculos devem afetar principalmente os segmentos de laticínios e carnes, que são mais perecíveis. O cenário deve se refletir diretamente nos preços dos alimentos. O Bradesco enfatiza que em 2008, quando um ciclone subtropical atingiu o Rio Grande do Sul, os preços do arroz subiram cerca de 40% no atacado e 20% no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em um mês.

PRODUÇÃO NO ATOLEIRO
Bradesco diz ser cedo para fazer a mensuração exata dos impactos das chuvas nos campos





BANCO INTER, NICE TO

Instituição financeira brasileira apresenta as soluções do SuperApp nos EUA para investidores e analistas

Beto SILVA

O que você faz em 1 minuto e 30 segundos? Alexandre Riccio, vice-presidente do Banco Inter, fez o seguinte: com sua conta no cheque especial, acessou sua carteira de investimentos, resgatou um valor para cobrir o déficit, enviou US$ 50,00 para sua conta global, comprou um gift card da Starbucks e fez uma transferência para um amigo brasileiro que tem uma conta do Inter nos Estados Unidos. Tudo isso em 90 segundos, ao vivo, pelo SuperApp do banco, com a movimentação projetada em um telão para o público que assistiu sua apresentação no Tech Day do Banto Inter, durante a Brazil Week em Nova York (EUA), semana passada. Essa foi apenas uma de quatro exposições feitas por executivos da instituição financeira, que usou o evento para se apresentar aos investidores e analistas americanos, apesar de já atuar por lá há dois anos e ter suas ações negociadas na Nasdaq desde junho de 2022. "A tecnologia é nosso principal diferencial competitivo. Olhamos para a evolução de produto, a capacidade de crescer, em diversificação, e entregamos tudo em um único aplicativo", disse Riccio à DINHEIRO logo após a apresentação.

As companhias financeiras nem sempre tiveram essa dinâmica e essa capacidade de resolução rápida. Em um passado não tão distante, 10 anos atrás, o próprio executivo do Inter vivenciava os atrasos burocráticos do setor. Como superintendente de banco, teve de assinar um documento para confirmar que um funcionário era mesmo da instituição e, assim, pudesse abrir uma conta em um banco público. Ainda assim, o colega não conseguiu o registro bancário, pois era necessária a assinatura de um diretor estatutário. Foi por



OPERAÇÃO ROBUSTA
Alexandre Riccio, VP do Inter, exalta as sete frentes de negócios consolidadas: banco, shopping, investimentos, crédito, seguros, serviços globais e loyalty

MEET YOU

essas e outras dificuldades que o Banco Inter resolveu aplicar tecnologia pesada e de ponta na sua digitalização para revolucionar o segmento. Em 2015, lançou a primeira conta bancária digital e gratuita do Brasil. Também foi pioneiro em deixar de lado os servidores para migrar à nuvem, a colocar um marketplace dentro de um app financeiro (com dezenas de parceiros, aqui e nos EUA, que oferecem descontos e cash back) e a integrar uma conta nacional com uma internacional, a Global Account Inter, vinculada ao sistema financeiro americano. "O mais legal não é ser o primeiro. O mais interessante é ter um ótimo produto", disse Riccio.

Soluções, desde o início, que proporcionaram um negócio escalável, com baixo custo para servir o cliente, serviços embutidos e margem de contribuição positiva para resultados da companhia, que fechou o primeiro trimestre deste ano com receita bruta de R$ 2,3 bilhões (+27% em relação ao mesmo período de 2023) e lucro líquido de R$ 197 milhões (+9,7%). Junto ao avanço tecnológico do Inter, outras instituições se desenvolveram digitalmente, centenas de fintechs apareceram o que gerou, de fato, a democratização do sistema financeiro brasileiro.

INTERNACIONALIZAÇÃO Com uma operação nacional robusta, o Banco Inter partiu para ganhar o mercado exterior. Por aqui, as sete frentes de negócios estão consolidadas: banco, shopping, investimentos, crédito, seguros, serviços globais e loyalty (esse último com o programa de fidelidade Inter Loop). A companhia conseguiu replicar seis dessas avenidas operacionais nos Estados Unidos, com exceção do seguro, que tem muitas peculiaridades no mercado americano. "Como tudo foi feito de forma modularizada, expandimos para o exterior de uma forma muito rápida", afirmou o vice-presidente. "Tivemos a capacidade de fazer um ótimo produto bom, num prazo realista, a partir de uma base tecnológica e de uma curva de aprendizado no Brasil."

Tem dado certo. Hoje são 300 mil contas de cidadãos que vivem nos Estados Unidos, 3 milhões de contas globais de brasileiros e 32 milhões de clientes totais. O crescimento internacional tem ganhado tração, como ocorreu no mercado brasileiro, lá em 2015, quando começou o movimento de contas digitais. Época em que "não era um negócio tão óbvio, até que virou óbvio", como gosta de apontar Riccio. Ir para a Europa é óbvio? Talvez seja um caminho natural do Banco Inter, que até olha para as oportunidades que existem do outro lado do Oceano Atlântico. Mas, por enquanto, o foco é ganhar solidez na oferta e desenvolver o produto e a experiência em solo americano, que atualmente está com US$ 500 milhões em depósitos, US$ 300 milhões aplicados em ações e US$ 150 milhões em outros investimentos. "Deixar esse negócio resiliente", nas palavras de Riccio. E, claro, atrair mais clientes e investidores para atingir a meta do plano 60-30-30, que é chegar a 2027 com 60 milhões de clientes, 30% de rentabilidade (ROE) e 30% de índice de eficiência. A apresentação está feita. Muito prazer, Banco Inter. Nice to meet you!

300
MIL CONTAS DE CIDADÃOS QUE MORAM NOS ESTADOS UNIDOS

3 MI
DE CONTAS GLOBAIS, EM DÓLAR, ABERTAS POR BRASILEIROS

32 MI
DE CLIENTES TOTAIS TEM O BANCO INTER, SEGUNDO O ÚLTIMO BALANÇO

MONKEY SALTA NAS AMÉ

MAIOR MARKETPLACE DE RECEBÍVEIS DA AMÉRICA LATINA ACELERA OPERAÇÕES NO CHILE, ESTADOS UNIDOS E MÉXICO PARA DAR SUPORTE A EMPRESAS BRASILEIRAS E ESTRANGEIRAS NO MERCADO INTERNACIONAL

Jaqueline MENDES



O empresário Gustavo Muller Medeiros, cofundador e CEO da fintech Monkey, maior marketplace de recebíveis da América Latina, começou 2024 em casa nova, cidade nova e país novo. Junto com família, às vésperas do Réveillon, trocou a capital paulista pela cidade americana de Charlotte, no estado da Carolina do Norte. A mudança não teve apenas objetivos pessoais ou a busca pelo *American Dream*, mas inaugurou um novo ciclo de internacionalização da empresa, que movimentou mais de R$ 100 bilhões em sua plataforma desde agosto de 2016. Ele abriu um escritório da Monkey no coração financeiro da cidade, ao mesmo tempo em que consolidava operações também na Cidade do México e Santiago, no Chile. "Desde o início, mesmo sem conhecer outros mercados, pensamos em criar uma estrutura capaz de se adaptar a outras regiões", afirmou o CEO. "Isso passa por estrutura de custos, decisões de sistemas, implementações, assim como a própria construção do time. E ao longo da nossa jornada, fomos levantando também as diferenças e semelhanças do nosso produto em outras regiões."

A decisão de saltar para novos mercados se deu após analisar o potencial de cada país e dos mercados prioritários de parceiros e clientes já atendidos no Brasil, como Braskem, Gerdau, CMPC e Saint-Gobain, além de bancos brasileiros que estão cada vez mais internacionalizados, como Bradesco, Itaú, Inter, Safra e BTG. Assim como ocorre no Brasil, a proposta da Monkey lá fora é conectar em um único ecossistema grandes empresas, seus fornecedores e instituições financeiras para promover uma espécie de leilão de recebíveis. Na prática, essa concorrência gera redução de custos nas operações das empresas. "Começamos a analisar nossos usuários para entender se era possível aproveitar nossas relações locais em outras regiões.

PENSAMENTO DE STARTUP
Gustavo Medeiros, cofundador e CEO da Monkey, se mudou para os EUA para tocar, in loco, o plano de internacionalização. Na foto ao lado, fachada do prédio onde foi inaugurado o escritório em Charlotte

MÉRICAS



Conversamos com todos os nossos clientes várias vezes para estruturar o que essa mudança traria de positivo para eles, já que muitos são multinacionais", acrescentou Medeiros.

A partir do hub de Charlotte, o plano da Monkey é ter 50 grandes empresas e seus fornecedores nos próximos três anos, com movimentação de US$ 60 bilhões a US$ 70 bilhões por ano para financiamento da cadeia de abastecimento nas Américas. O principal objetivo da Monkey continua a ser aumentar a liquidez para pequenas e médias empresas através da sua plataforma, oferecendo soluções com factoring ou factoring reverso. Embora o CEO esteja capitaneando a internacionalização *in loco*, seu time de especialistas da empresa no Brasil tem dado suporte para esse movimento. Junto com o time comercial, o cofundador e CTO Felipe Adorno e a argentina María Virginia Torti, sócia de negócios Latam da Monkey, têm viajado para países vizinhos, como o Chile, para buscar novas parcerias e consolidar a operação local. "Com os resultados consolidados no mercado brasileiro de sete anos de atuação em diferentes indústrias, temos convicção do quanto nosso produto contribuirá positivamente nos mercados que estamos entrando, proporcionando eficiência e transparência na operação da cadeia de suprimentos e otimizando os fluxos de pagamentos e permitindo acesso rápido e econômico ao capital de giro, especialmente para pequenas e médias empresas", destacou María Virginia.

NOVOS HORIZONTES O potencial de crescimento para a Monkey é, de fato, gigantesco. Os embates comerciais entre Estados Unidos e China tem levado os investimentos, antes concentrados na Ásia, para os paises latino-americanos, especialmente o México. Esse novo caminho global do dinheiro, chamado de nearshoring (a busca por parceiros comerciais em paises vizinhos), está criando novas janelas de oportunidades para empresas fazerem negócios regionalmente. "O México poderá desempenhar um papel muito importante na economia global nos próximos anos devido ao crescimento do *nearshoring* e à sua posição geográfica próxima aos principais mercados das Américas, tornando-se uma espécie da China para o Ocidente", destacou o CEO da Monkey. "A provocação que gostaria de fazer aos nossos empreendedores é que é possível nos desafiarmos e criarmos oportunidades de crescimento em outras regiões. Assim como qualquer aventura, precisamos nos preparar para o pior e devemos nos planejar com antecedência para que sentimentos como conforto e medo não nos impeçam de tentar." S



100
BILHÕES DE REAIS PASSARAM PELA PLATAFORMA DESDE 2016

70
BILHÕES DE DÓLARES É O MOVIMENTO ESTIMADO PARA OS PRÓXIMOS TRÊS ANOS

50
NOVOS CLIENTES EM TRÊS ANOS É A META A PARTIR DO HUB DE CHARLOTTE, NOS EUA



O HORIZO

PRÓXIMO PASSO

Chambriard compartilha com o governo a prioridade para o papel social e econômico da Petrobras para o Brasil



NTE DE MAGDA

Com perfil técnico e um rico currículo no setor de petróleo, a executiva assume o comando da maior empresa brasileira com o desafio de tentar equilibrar os interesses do governo e dos acionistas. Vai conseguir?

Paula CRISTINA e Hugo CILO

Olhar para a Petrobras é se deparar com um eterno déjà vu. Nos últimos 70 anos, a petroleira produziu, com imensa capacidade, resultados que tiveram o efeito de desgastar presidentes ou exaltar governos — algumas vezes, ambos os cenários em uma mesma gestão. Nos anos 1990, quando virou uma sociedade mista, passou a criar tensões com o mercado e animosidades com a sociedade civil. Nos últimos oito anos, oito presidentes. Alguns instituíram uma política de mercado, potencializando os lucros. Outros subsidiaram o combustível e trancaram investimentos. Agora, durante a terceira gestão de Luiz Inácio Lula da Silva, há uma espécie de retorno ao passado — para o bem ou para o mal, dependendo do ponto de vista de quem analisa. A entrada de Magda Chambriard no comando da empresa sinaliza o interesse do governo em usar a petroleira como parte do projeto econômico nacional, e não, nas palavras de Lula, "reduzir a Petrobras a uma empresa de prateleira, para impressionar o mundo e dar aos acionistas lucros exorbitantes". Se, por um lado, o plano do petista é acelerar investimentos e usar a companhia como catalisador econômico e de transformação sustentável, por outro, os desafios envolvendo distribuição de dividendos e defasagem no preço dos combustíveis se apresentam na mesma proporção das oportunidades.

Para entender como a Petrobras entrou nessa sinuca de bico é preciso olhar pelo retrovisor. Especificamente para 1997, quando a empresa, até então totalmente pública e nacional, passou a ter capital misto, colocando nessa equação os interesses de acionistas que cobram sustentabilidade financeira de longo prazo e dividendos parrudos. Tal queda de braço permeou a primeira gestão de Lula, mas com a descoberta do pré-sal, em 2007, a perspectiva de ganhos ainda maiores fez o mercado aceitar a mão de Lula nas decisões estratégicas da companhia. Mas não demorou para o pré-sal decepcionar os ansiosos, e a economia enfraquecer. Já no governo Dilma, os escândalos de corrupção envolvendo a petroleira e a redução artificial dos preços dos combustíveis também ficaram insustentáveis, custando cerca de R$ 100 bilhões para o capital da empresa e resultando na explosão da inflação quando os valores foram reajustados. Em 2013, a estatal assumiria o vexatório posto de empresa mais endividada do mundo, segundo relatório do Bank of America (BofA). Assim, criou-se a sensação de que era o poder público o grande vilão da Petrobras.

FOTO: ANTONIO SCORZA/AFP



MAIS NAVIOS
Governo quer gerar empregos com o plano de construir 14 navios para uso e exploração de petróleo. Mas apostas anteriores na indústria naval geraram rombos bilionários

Em 2016, após o afastamento de Dilma Rousseff, a entrada de Michel Temer em seu lugar colocou a estatal em uma nova era. Sob comando de Pedro Parente, a petroleira adotou a paridade no preço dos combustíveis com os valores praticados no exterior, política conhecida como PPI, culminando no período de menor ingerência do governo da história. Em 2019, quando Jair Bolsonaro assume o Palácio do Planalto, há uma narrativa de manutenção das diretrizes de Parente, mas essa impressão dura pouco. Bolsonaro trocou o presidente da petroleira quatro vezes, com alguns ficando poucos meses no cargo. O motivo era o custo do capital político com a alta do petróleo. Como acabar com o PPI era um sinal errado para os anseios liberais defendidos por Bolsonaro, então a solução foi criar subsídios. Tanto diretos (com a redução de impostos) como indiretos (auxílio a caminhoneiros). Analistas políticos atribuem a queda de Bolsonaro à impopularidade gerada pela gasolina próxima a R$ 10 em estados como Acre e Pernambuco e ao preço do diesel mais caro do que a gasolina, o que ocorreu pela primeira vez na história — e segue até hoje.

COMO FICA AGORA? Entre prós e contras dos modelos adotados nos últimos anos, o que vale agora é o tom de Magda. Quem antecipou essa nova cara foi o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, um dos que pressionou pela queda do antigo presidente, Jean Paul Prates. Segundo ele, a petroleira irá retomar a nacionalização dos processos, mas isso sem "ferir ou prejudicar o andamento do mercado financeiro". Esta não será uma tarefa fácil. Um dos pontos defendidos pelo governo foi a revisão da distribuição de dividendos com a nova Política de Remuneração aos Acionistas. Com ela, foi reduzido de 60% para 45% o percentual mínimo de participação da distribuição de dividendos no fluxo de caixa livre trimestral da empresa. Deu certo? Não exatamente, e aí Magda terá que agir. Essa iniciativa apontava na direção de redução do patamar de dividendos pagos, entretanto, ao não atacar a flexibilidade dessa política, possibilitou a distribuição de mais de R$ 105 bilhões em dividendos e juros sobre capital próprio sob comando de Prates, o equivalente a 68,5% do lucro líquido gerado no período. Também entra nessa conta a forma como Magda explicará ao mercado como a empresa perdeu,

 | FOTOS: ROBERTO STUCKERT FILHO/PR | DIVULGAÇÃO AG. BRASIL



A MÃO DE LULA
Presidente tomou a decisão de tirar Jean Paul Prates com o argumento de ser necessário melhorar a interlocução entre a estatal, os entes públicos e o mercado financeiro

entre maio do ano passado (quando caiu o PPI) até março deste ano, R$ 9,4 bilhões de receita bruta, segundo dados da associação de refinarias privadas Refina Brasil.

Há também bons horizontes neste caminho. Prates elevou os indicadores operacionais da companhia, em especial no segmento de exploração e produção (E&P) e no uso intensivo de complexo industrial. Magda assume ainda uma Petrobras com uma cartilha estruturada para Transição Energética e Sustentabilidade, com a promoção da descarbonização da matriz nacional com projetos de baixo carbono.

Potencial também é visto na recuperação das reservas da petroleira no longo prazo, pensando em novas fronteiras, como a Margem Equatorial, mas incluindo outros potenciais exploratórios onshore no Nordeste e nas bacias offshore de Pelotas e Margem Leste, o que também agrada acionistas e governo. Alexandre Silveira, ministro de Minas e Energia, ressaltou a importância da Petrobras para ampliar a infraestrutura de escoamento de gás natural. "Temos que estudar como aumentar a oferta de gás no Brasil e diminuir o preço. É inadmissível que tenhamos o gás saindo do gasoduto a mais de US$ 10 e chegando ao consumidor final a mais de US$ 14."

O QUE VEM PELA FRENTE...

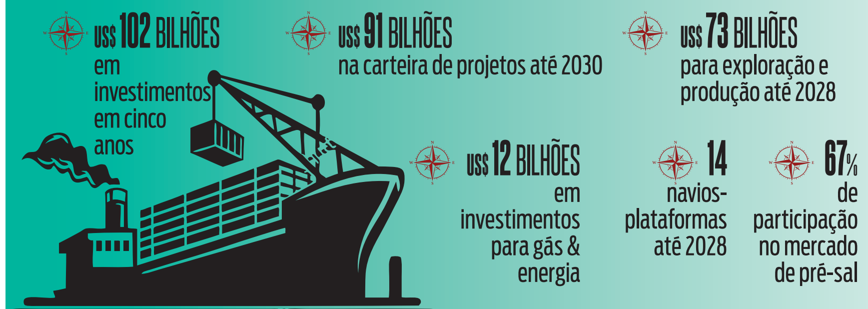
Cinco oportunidades

- Transformação sustentável com P&D
- Expansão do pré sal
- Criação de parque de fertilizantes
- Investimento e expansão de refinarias
- Política exploratória ativa e própria, com expansão para novas áreas

Cinco riscos

- Investimento em navios com o mercado em baixa
- Aumento da ingerência do governo em questões financeiras
- Paralisação, revisão e reversão de desestatização de ativos
- Controle artificial dos preços dos combustíveis
- Aumento da taxação do petróleo com a Reforma Tributária

Rota de investimentos





MAIS TECNOLOGIA
Parte do plano de novos negócios com a entrada de Magda será reforçar recursos para Pesquisa & Desenvolvimento

APRENDIZADOS DO PASSADO Para o ex-presidente da Petrobras Roberto Castello Branco, que pilotou a companhia entre 2019 e 2021, equilibrar os pratos e os interesses em uma empresa de capital misto como a Petrobras é algo próximo a enxugar gelo. “A impressão que eu tenho é que, ano a ano, fica mais evidente que o arranjo institucional que se acostumou chamar de economia mista é um erro. Um formato que precisa agradar forças antagônicas [ente público e privado] não tem como ser sustentável por muito tempo”, disse. Defensor da privatização, ele mesmo diz ter sentido pressão durante sua passagem pela Petrobras. Segundo Castello Branco, o então presidente Jair Bolsonaro chegou a cobrar uma redução artificial dos preços. “Mas eu não aceitei. Havia uma tendência de alta que não quebraria com uma queda pontual. Fazer isso seria não cumprir o papel para o qual fui escolhido.”

Na esteira da impopularidade gerada pelo fator Petrobras, cresceu nos últimos anos a tese de que a privatização é a melhor saída. Mas algumas bravatas neoliberais, especialmente da dupla Jair Bolsonaro e Paulo Guedes, nunca se converteram em coragem para vender a maior empresa brasileira. À DINHEIRO, o ex-presidente da estatal Pedro Parente, que comandou a companhia entre 2016 e 2018, afirmou que soluções para os entraves da empresa não se limitam ao simplismo da privatização. “Privatizar não é a única solução, visto que há empresas, como a estatal norueguesa [antiga Statoil, hoje chamada de Equinor], que atua como a Petrobras e tem uma gestão parecida com a que tive na Petrobras”, afirmou. “Na minha época, a condução da Petrobras foi tranquila porque havia um alinhamento claro entre os interesses da empresa e a expectativa do governo sobre ela.”

Nem todos os ex-presidentes da Petrobras entendem que a privatização é o melhor caminho. Um deles, que atuou durante as gestões do PT, afirmou em condição de anonimato à DINHEIRO ter conversado com o presidente Lula após a demissão de Prates, e que não havia insatisfação com a condução da petroleira, mas um ruído entre Prates e os ministros Alexandre Silveira e Rui Costa (Casa Civil). “Não foi uma mudança estrutural. Não haverá grandes viradas. Só uma troca de interlocutor.”

INVESTIMENTOS Se tem um assunto capaz de colocar em rota de colisão os interesses públicos e privados, são investimentos da Petrobras. A empresa tem dívida bruta de US$ 61,8 bilhões, dentro da faixa estabelecida pelo plano estratégico, e possui caixa para financiar projetos sem necessidade de financiamento. O desafio, dizem especialistas, é ter bons projetos em carteira, realizados no custo e no prazo previstos. Para isso, a governança mais rígida é importante para evitar problemas como os envolvendo a Rnest e o Gaslub, além de refinarias como Abreu de Lima e Comperj, cujos custos finais ficaram muito acima do estimado inicialmente. Segundo o ex-presidente da Petrobras que falou sob condição de anonimato, as obras embargadas por decisões judiciais foram retomadas porque concluiu-se que seria mais custoso desfazer do que terminar. “Esse são exemplos de obras decididas na emoção, com baixa governança e pouco filtro fiscal”, disse. Sobre as obras em questão, para a



 | FOTOS: TOMAZ SILVA/AG. BRASIL | RAFA NEDDERMEYER/AG. BRASIL | ROGÉRIO MELO/PR | AGÊNCIA CÂMARA



Para mim, a condução da Petrobras foi tranquila pelo alinhamento com o governo federal"

PEDRO PARENTE
EX-PRESIDENTE DA PETROBRAS



A impressão que eu tenho é que o ideal que temos de economia mista não funciona"

ROBERTO CASTELLO BRANCO
EX-PRESIDENTE DA PETROBRAS



Não é sobre o nome do presidente, é sobre entender as etapas em um rito de investimento"

FERNANDO COELHO FILHO
EX-MINISTRO DE MINAS E ENERGIA

Rnest, a Petrobras aposta na ampliação do primeiro trem de refino, enquanto prepara o terreno para a licitação do segundo trem. Já o polo Gaslub está com licitação em andamento para a implantação de unidades de produção de lubrificantes e óleo diesel de baixo teor de enxofre (S-10).

Para Fernando Coelho Filho, ex-ministro de Minas e Energia do governo Michel Temer, Magda precisará lidar com os fantasmas de gestões passadas para o mercado e provar a Lula que o processo de investimento precisa ser paulatino para não incorrer nos problemas anteriores. "Não é sobre o nome do presidente, é sobre entender as etapas", disse. Cláudio Frischtak, sócio-fundador da consultoria Inter.B, afirma que os investimentos da Petrobras em 2023 corresponderam a 0,6% do PIB do ano passado, quando o total de investimento de todas as empresas somadas foi de 16%.

OLHOS DA JUSTIÇA Para tentar aumentar essa proporção, o governo aposta na exploração de petróleo na Foz do Amazonas. O desejo contraria, inclusive, a sinalização do Ibama, que entende que a empreitada não é viável. O órgão ambiental barrou a perfuração de poço no bloco 59 da bacia da margem equatorial pela primeira vez em maio de 2023. Desde então, em um vai-e-vem, a empresa reiterou o pedido para exploração e segue buscando o aval do Ibama, que não deu a palavra final sobre seu entendimento, mas fez novas exigências à estatal. A briga virou uma bandeira de Silveira, ministro de Minas e Energia, que defende publicamente a exploração como parte do programa energético brasileiro.

Outro nó de regulamentação começou a se desfazer na quarta-feira (22), quando o Cade aprovou a renegociação dos Termos de Compromisso de Cessação (TCC) da estatal. A medida desobriga a estatal a prosseguir com a venda de refinarias e da participação na transportadora de gás TBG, que era uma demanda do governo. A companhia havia pedido revisão dos compromissos assumidos em 2019, no governo Jair Bolsonaro, quando foi determinado que a estatal teria que realizar desinvestimentos para estimular mais concorrência nos mercados de gás e refino.

A venda de refinarias havia sido suspensa no ano passado, quando o Ministério de Minas e Energia determinou uma interrupção da alienação de ativos pela estatal diante das novas diretrizes de política energética pelo governo federal. De refinarias que se propôs anteriormente a vender, a Petrobras conseguiu se desfazer da Rlam, Reman e SIX, mas não teve sucesso em negociações para alienar Rnest, Repar, Regap, Refap e Lubnor.

O conselheiro do Cade Gustavo Augusto apontou na quarta-feira (22) que o setor de refino no Brasil atraiu novos agentes independentes desde 2019, e não apenas em função dos desinvestimentos. A Petrobras se comprometeu a divulgar diretrizes comerciais para entrega de petróleo por via marítima e a oferta de "contratos frame" a qualquer refinaria independente, além de relatórios sobre sua nova estratégia comercial para a oferta de derivados, como gasolina e diesel, após o abandono do PPI. Com tudo isso em jogo, a Petrobras põe sentido, quase um século depois, às palavras do Senador Hollanda de Cavalcanti na data de fundação do Banco do Brasil. "Uma corporação com grande influência política. Ou o governo há de transigir com ela, ou ela é que dará governadores ao País". Agora, a bola está com Magda.



CUSTO POLÍTICO
Mudança no comando da Petrobras foi incentivada por Alexandre Silveira (esq) e Rui Costa, ministros de Minas e Energia e Casa Civil, respectivamente. Plano é acelerar investimentos na petroleira ainda este ano

GIGANTE DO SETOR AUTOMOTIVO CRIA JOINT VENTURE COM STARTUP CHINESA, INVESTE R$ 30 BILHÕES NO BRASIL E CELERA COM CARROS HÍBRIDOS E ELÉTRICOS, QUE DEVEM CHEGAR AO PAÍS AINDA EM 2024

Letícia FRANCO, de Betim (MG)

STELLANTIS JUNTA-SE A

Uma gigante poliglota do setor automotivo. Essa é a Stellantis, que já domina o italiano com a Fiat e fala inglês com a Jeep e o Dodge. Os carros da Peugeot e Citroën ainda dão um sotaque francês ao grupo, que também engloba outras marcas, resultado de uma fusão entre a Fiat e o PSA Groupe em 2021. Com o espaço conquistado pelas montadoras chinesas, como a BYD, no segmento de carros elétricos, a companhia agora investe no mandarim. Numa jogada que se enquadra no velho ditato de que "se não pode com eles, junte-se a eles", a Stellantis efetivou uma joint venture com a chinesa Leapmotor, uma união com proporção de 51/49 para a multinacional, que deu origem à Leapmotor Internacional. Segundo Emanuele Cappellano, presidente da Stellantis para a América do Sul, a cartada dá direito à nova companhia de vender e produzir carros com as tecnologias da startup da China. A chegada da marca e seus carros elétricos no Brasil deve ocorrer ainda neste ano.

Segundo Cappellano, a joint venture é uma oportunidade de branding e de compartilhamento de tecnologias para oferecer mais opções de produtos aos brasileiros. "Além do branding, no qual a Stellantis já tem experiência, trata-se de incluir tecnologias que não estavam no cardápio", afirmou o executivo em coletiva de imprensa em Betim (MG), na última segunda-feira (20). A chinesa deve ter uma rede própria, como forma de enfrentar BYD e GWM, que dominam as vendas de elétricos no País. Atualmente, o único carro de passeio elétrico da Stellantis ainda à venda no Brasil é o Fiat 500e. Para o especialista do setor automotivo Cassio Pagliarini, da Bright Consulting, a Stellan-

 | FOTO: DIVULGAÇÃO



ALÉM DO BRANDING, NO QUAL A STELLANTIS JÁ TEM EXPERIÊNCIA, TRATA-SE DE INCLUIR TECNOLOGIAS QUE NÃO ESTAVAM NO CARDÁPIO ”

EMANUELE CAPPELLANO, PRESIDENTE DA STELLANTIS PARA A AMÉRICA DO SUL

E A ELES (OS CHINESES)

tis deve obter bons resultados com a parceria. “A Leapmotor oferece carros bem desenvolvidos e com bom preço — onde são comercializados — e pode ganhar o Brasil e outros mercados”, disse.

Na corrida pela eletrificação da frota, a Stellantis também investe na concepção e produção de carros híbridos — uma maneira de ser competitivo e acessível no mercado nacional e atingir a meta de zerar as emissões de carbono até 2038. Para isso, o novo plano de R$ 32 bilhões para a América do Sul, previsto para terminar em 2030, tem foco no desenvolvimento das novas tecnologias Bio-Hybrid, que combinam um motor a combustão flex e outro elétrico. O montante impulsionará o lan-





çamento de 40 produtos, oito powertrains, tecnologias de descarbonização e novas oportunidades de negócios. O grupo terá, ainda este ano, o primeiro híbrido produzido no Brasil. Entretanto, Cappellano guardou segredo sobre qual será o modelo e se sairá da fábrica de Betim (MG), Goiana (PE) ou Porto Real (RJ) — embora a unidade pernambucana tenha sido anunciada, em outro momento, como a responsável pelo primeiro carro bio-hybrid da Stellantis.

O plano bilionário apresentado há pouco mais de dois meses figura como o maior investimento da indústria automotiva na América do Sul, onde a marca representa 23,4% do setor. Com R$ 30 bilhões destinados ao Brasil e R$ 2 bilhões para a Argentina, a Stellantis tem revelado aos poucos os detalhes da aplicação do montante. Em abril, foram anunciados R$ 13 bilhões para a fábrica de Pernambuco. Mas, na verdade, os mineiros levaram a melhor. A unidade fabril de Betim (MG) levará R$ 14 bilhões. Ainda que não tenha sido oficialmente anunciado, o destino da menor parte do investimento, R$ 3 bilhões, deve ficar com o complexo de Porto Real (RJ), onde são produzidos modelos da Peugeot e Citroën.

MARCA CHINESA
Carros elétricos da Leapmotor serão comercializados no Brasil ainda neste ano

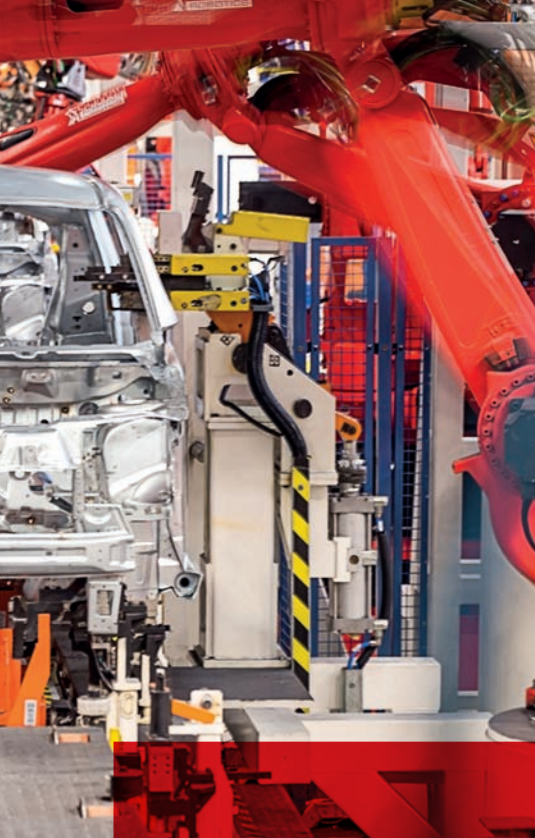
PRODUÇÃO Tem fundamento a fábrica de Betim, na região metropolitana de Belo Horizonte, ter levado a maior parte dos recursos. Inaugurada em 1976, ainda como Fiat, a unidade é considerada a maior do País e contempla todas as etapas de produção. Além do valor bilionário para a mineira, o grupo ainda destinou mais R$ 454 milhões pertencentes ao ciclo vigente. O objetivo é acelerar a capacidade atual, saltando de 750 mil motores por ano para 1,1 milhão. Cappellano disse que "a função desses investimentos é ampliar a capacidade produtiva e atender ao mercado já visando o bio-hybrid".

Com cerca de 15 mil colaboradores diretos, sendo aproximadamente 3 mil engenheiros do quadro de 4 mil profissionais da área, Betim abriga o centro de desenvolvimento, engenharia e linha de produção. Hoje, são fabricados sete modelos do grupo no complexo, sendo a maioria da Fiat: Argo, Mobi, Strada, Pulse, Fastback e Fiorino. Também são montados modelos Partner, da Peugeot. Para Pagliarini, especialista no segmento, o aporte para a fábrica mineira faz parte do que ele chamou de revolução ao ter como foco o desenvolvimento de híbridos flex e futuramente elétricos. "É necessário investir nessa linha para introduzir novos conceitos de carros, que visam reduzir a poluição causada pelo setor como um todo", afirmou.

E foi com a aceleração dos carros híbridos e eletrificados que o conglomerado obteve receitas recordes no último ano, crescendo globalmente. A Stellantis atingiu o valor inédito de 89,54 bilhões de euros, representando avanço de 6% em relação a 2022. Já o lucro após impostos foi de 18,6 bilhões de euros em 2023, ante 6,78 bilhões de euros no ano anterior. Na corrida pelas vendas de veículos, a marca registrou 6,2 milhões de unidades comercializadas no mundo todo, um crescimento de 6,8% sobre

 FOTOS: DIULGAÇÃO

INÊS 249





POLO DE BETIM
Maior planta automotiva do País receberá quase metade do investimento de R$ 32 bilhões

LANÇAMENTO
Commander Blackhawk é um dos 10 lançamentos programados pelo grupo em 2024

A ROTA DA MONTADORA

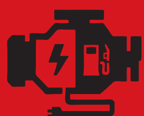
Ciclo de investimentos de 2025 a 2023 para a indústria automotiva sul-americana



23,4%
é a participação atual da companhia no mercado de veículos na região



R$ 32 BILHÕES
de investimentos, sendo o maior do setor brasileiro e sul-americano



40
lançamentos de produtos, incluindo novas tecnologias, como Bio-Hybrid



8
powertrains

2022. Para seguir disparando nos números, o grupo também aposta em lançamentos de suas principais marcas. No Brasil, já foram lançados o Fiat Titano, além do Compass e da Commander com a Jeep.

Por aqui, quem domina o mercado automotivo é a Fiat, num setor que produziu cerca de 2,2 milhões de automóveis e comerciais leves no último ano, segundo a Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores). O somado da Fiat com as outras marcas do portfólio da Stellantis levam a companhia a ter 30,3% do market share nacional. Para 2024, a Anfavea prevê que o mercado cresça 6,1% nos emplacamentos e 6,2% na produção. Segundo Márcio de Lima Leite, presidente da entidade, há motivos para acreditar num ano positivo para o setor. “Devemos celebrar o Programa Mover [Mobilidade Verde e Inovação], que garante a cadeia automotiva e privilegia as novas tecnologias de descarbonização e a neoindustrialização.”

Não é à toa que grande parte do otimismo de entidades e empresas da indústria automotiva ocorre devido à aproximação do governo Lula com o segmento. O Programa Mover, instituído em dezembro passado, vai conceder R$ 19,3 bilhões em créditos tributários ao setor até 2028. Também estabelece novas exigências de sustentabilidade das frotas, como a aplicação de, no mínimo, entre 0,3% e 0,6% da Receita Operacional Bruta nesses projetos. E para cada real investido, a empresa tem direito de R$ 0,50 a R$ 3,20 em créditos, utilizados para abatimento de tributos da Receita Federal. O retorno de iniciativas como essa levaram aos mais de R$ 60 bilhões a serem investidos pelo setor até 2032, o que engloba valores anunciados também pela Honda, Volkswagen e Toyota. Segundo Cappellano, a previsibilidade do governo é fundamental para o crescimento. “Nossos investimentos são de longo prazo e, nesse sentido, o governo está dando bases para a sustentabilidade da indústria”, disse o executivo.

Enquanto isso, os países vizinhos patinam. A crise na Argentina acarretou na queda de exportações de carros brasileiros para o país, que pela primeira vez foi superado pelo México como nosso principal parceiro comercial. Com o cenário favorável, a Stellantis acelera no Brasil na corrida dos híbridos e elétricos e se consolida na liderança de vendas. Com isso, pode-se dizer que o português é mais uma língua dominada pelo grupo.

HOLOFOTES VOLTADOS À POLISHOP

Mudança de hábito dos consumidores e a chegada da acirrada concorrência do comércio eletrônico levaram a marca do "ligue 1406" a amargar grandes perdas nos últimos anos, que culminaram na recuperação judicial

Allan RAVAGNANI

Fundada em 1995 por João Appolinário, a Polishop conquistou o imaginário popular com seus produtos 'incríveis' – como as facas Ginsu, que cortavam até latas, e as ultrarresistentes meias Vivarina – divulgados nos comerciais pelas madrugadas televisivas. O telefone "1406" virou até tema de música dos Mamonas Assassinas tamanha a popularidade. Avançando pelos anos 2000, a Polishop se reinventou, entrou na internet e no varejo físico, ampliou sua rede de lojas e o portfólio de produtos. Mas a crise pós-pandemia foi implacável. Em maio deste ano, o grupo entrou com pedido de recuperação judicial com R$ 352 milhões em dívidas.

João Appolinário também ganhou fama com o programa Shark Tank, exibido pelo canal Sony, em que empresários de sucesso — denominados 'tubarões' — avaliam as apresentações de empreendedores e decidem se vão investir ou não naquelas empresas. Um dos cases de maior sucesso da edição brasileira do programa foi um investimento de R$ 20 milhões de Appolinário em uma fábrica de tintas, a Decor Color, que hoje, em modelo de franquias, fatura mais de R$ 300 milhões por ano e tem mais de 500 unidades pelo Brasil.

TUBARÃO NO TANQUE
Jurado do Shark Tank Brasil, João Appolinário fundador da Polishop, também obteve sucesso em negócios iniciados no programa de TV

No pedido de recuperação judicial aceito pela Justiça, os advogados da varejista solicitaram a exclusão dos outros negócios de Appolinário nos trâmites do processo, como o de venda de franquias e o de garantia estendida dos produtos. Segundo o documento protocolado, dos R$ 352 milhões em dívidas, R$ 349 milhões são com instituições financeiras e grupos de mídia e R$ 3 milhões em débitos trabalhistas e com microempreendedores. Até a pandemia, a Polishop chegou a ter mais de 300 lojas físicas, número que foi reduzindo nos últimos anos. Em 2023, eram 120 unidades, muitas já sob o risco de despejo pelos shoppings. Atualmente, a companhia possui apenas 49 lojas abertas em condomínios de compras. Portanto, nos últimos dois anos, fechou cerca de 70% de suas lojas. Para reduzir custos, a empresa também demitiu cerca de 2 mil funcionários, passando de 2.532 antes da pandemia para aproximadamente 500 empregados agora.

No pedido de RJ encaminhado à 2ª Vara de Falências e Recuperação Judicial de São Paulo, a Polishop afirmou ter registrado uma receita anual de R$ 1,2 bilhão. No ano de 2023, no entanto, a varejista fechou com um prejuízo de R$ 155 milhões. A DINHEIRO tentou entrar em contato com João Appolinário ou outros executivos, mas a assessoria de imprensa do grupo afirmou que eles não iriam comentar o assunto no momento. A crise sofrida pelo varejo no pós-pandemia e o fechamento de lojas de algumas redes já

LOJAS FECHADAS
A companhia fechou quase 300 lojas físicas no pós-pandemia diante das dificuldades financeiras e ameaças de despejo de shoppings





CRISE NO TIJOLO
Players do varejo, como a Marisa, reduziram o número de lojas físicas diante do avanço do e-commerce estrangeiro no Brasil

352
MILHÕES DE REAIS EM DÍVIDAS, SENDO A MAIOR PARTE PARA BANCOS

70%
DE QUEDA NA RECEITA APÓS O FECHAMENTO DE MAIS DE 250 LOJAS FÍSICAS

500
EMPREGADOS FICARAM APÓS A DEMISSÃO DE MAIS DE 2 MIL FUNCIONÁRIOS

era um fator esperado pelo mercado, assim como o pedido de recuperação judicial não tenha sido nenhuma surpresa. A analista de varejo da Levante Investimentos, Carol Sanches, afirmou à DINHEIRO que a redução no número de lojas físicas é uma tendência. "A gente viu empresas do varejo, como Polishop e Marisa, reduzindo muito o número de lojas físicas, diante da entrada e da competição acirrada dos e-commerce estrangeiros, como a Shopee", afirmou, citando outros fatores que contribuíram para a crise, como os juros altos, inflação elevada e o consumidor com a renda mais pressionada.

REESTRUTURAÇÃO Autorizada pelo Judiciário quando preenchidos os requisitos legais previstos na Lei nº 11.101/05, a recuperação judicial nada mais que um instituto jurídico que permite à empresa devedora proteger o patrimônio de ações dos credores enquanto negocia condições para a quitação das dívidas e um modelo para a reestruturação das atividades empresariais.

Para o advogado Rodolfo Fontana, da banca Tepedino, Berezowski e Poppa Advogados, no caso da Polishop, medidas de reestruturação e saneamento já vêm sendo adotadas em antecipação ao pedido de recuperação judicial, "tais como aporte de R$ 50 milhões na companhia e abertura do plano de franquia de lojas", como apontado pela companhia em petição apresentada à Justiça no último dia 15. Segundo o advogado, a expectativa, agora que Paulo Furtado de Oliveira Filho, juiz da 2ª Vara de Falências e Recuperações Judiciais do Foro Central de São Paulo/SP e responsável pelo processo, avaliou os requisitos necessários e deferiu o pedido de recuperação judicial da empresa, determinando as providências cabíveis, "terá início um prazo de 60 dias para que a Polishop apresente a sua primeira proposta de plano, dando início ao período oficial de negociações entre ela e seus credores", disse Fontana.

Para o advogado Bruno Boris, especialista em recuperações judiciais, o caso da Polishop também não causou surpresa. "O que mudou é que hoje a compreensão do mercado mudou, a recuperação judicial é um instrumento jurídico de auxílio ao empresário, o que torna diferente a situação das recuperandas perante o mercado, mas não é mais como uma sentença de morte como se via antigamente", afirmou. De acordo com Boris, a partir de agora, com o pedido aceito pela Justiça, a Polishop terá de apresentar seu plano de recuperação aos credores envolvidos na ação e, não havendo objeção por parte deles ou ainda que haja, o plano precisa ser aprovado em assembleia geral de credores (AGC). O Judiciário ainda irá acompanhar a recuperação por dois anos após a homologação do plano aprovado e, ao fim, tendo a empresa cumprido suas obrigações, a recuperação judicial será extinta. No entanto, em caso de não pagamento, a empresa será declarada falida.

CREDORES No topo da lista dos credores está a fintech BMP Money com cerca de R$ 26,6 milhões a receber, seguido pelo Banco do Brasil com R$ 24 milhões, Zurich Seguros (R$ 21 milhões), Wiz Corretora de Seguros (R$ 16,4 milhões), Bradesco (R$ 11 milhões), Itaú (R$ 9,5 milhões), Banco Original (R$ 4,5 milhões) e Banco Safra (R$ 5,1 milhões). Entre os fornecedores, a Versuni, marca independente da Philips para pequenos eletrodomésticos, tem mais de R$ 15 milhões a receber. A Conair, de produtos de saúde e beleza, tem cerca de R$ 8 milhões. Dentre as plataformas de mídia, a Polishop deve R$ 5 milhões ao Google, mais de R$ 1 milhão para a Elemidia e a Eletromidia, além de dívidas com a Meta (dona do Facebook, Instagram e WhatsApp), a Bytedance (dona do TikTok), a operadora Sky e a RedeTV.

 | FOTOS: WERTHER SANTANA/ESTADÃO | DIVULGAÇÃO

REDES QUE PROCURARAM RECUPERAÇÃO JUDICIAL RECENTEMENTE

Janeiro/2023
Lojas Americanas
dívida de:
R$ 50 BILHÕES

Fevereiro/2023
Livraria Cultura (falência)
dívida de:
R$ 285 MILHÕES

Agosto/2023
123 Milhas
dívida de:
R$ 2,4 BILHÕES

Setembro/2023
M.Officer
dívida de:
R$ 53 MILHÕES

Outubro/2023
Livraria Saraiva (falência)
dívida de:
R$ 675 MILHÕES

Dezembro/2023
SouthRock Capital
(Starbucks e Eataly no Brasil)
dívida de:
R$ 1,8 BILHÃO

Março/2024
Supermercado DIA%
dívida de:
R$ 1 BILHÃO

Abril/2024
Casas Bahia (extrajudicial)
dívida de:
R$ 4,1 BILHÕES

MARCAS DO VAREJO REAGEM À CRISE

Diante dos problemas econômicos e da mudança cultural no hábito de compras, aumentando massivamente a presença no on-line, o varejo vem enfrentando dificuldades em diversos segmentos. Somente nos últimos meses, foram protocolados pedidos de RJ pelo Grupo DIA, pela SouthRock Capital – operadora das redes Starbucks e Eataly, assim como fez as Lojas Americanas um ano atrás.

De acordo com o Serasa Experian, no primeiro trimestre de 2024, o número de pedidos de recuperação judicial avançou 73,4% - o maior para o período desde 2016. Sendo que somente em março, foram 183 pedidos, crescimento de 94,7% em comparação ao mesmo mês do ano passado.

Existe também o recurso da recuperação extrajudicial, que é quando a própria empresa, com auxílio jurídico, consegue fazer a renegociação e organizar um fluxo de pagamento aos seus credores, sem precisar acessar à Justiça, em um processo mais ágil e econômico. Foi esse caminho que a Casas Bahia tomou. Com dívidas de R$ 4,1 bilhões, detidas principalmente por duas instituições – Banco do Brasil e Bradesco – a varejista conseguiu reperfilar sua dívida estendendo o débito de 22 para 72 meses, com carência de 24 meses para iniciar o pagamento de juros, e de 30 meses para o principal.

Outra solução foi tomada pelo Magalu, um dos maiores do país, que renegociou e quitou todas as suas dívidas de curto prazo, no valor de R$ 2,1 bilhões em notas promissórias que venceriam um mês depois. Com isso, a companhia saiu do vermelho e agora só possui débitos de longo prazo, com vencimentos marcados para o fim de 2025 e 2026, dando maior fôlego ao caixa da companhia e tranquilidade aos investidores.

A saída da recuperação judicial, ou extrajudicial, está se tornando um caminho cada vez mais comum para empresas colocarem suas finanças em ordem e conseguirem um fôlego para uma retomada. Exemplo disso é a Americanas, que nesta semana divulgou um plano de grupamento de ações e aumento de capital de R$ 12 bilhões, como parte de sua retomada.



CONDOMÍNIO EMPRESARIAL FECHADO VISA MOSTRAR AO PÚBLICO SEUS PROJETOS DE SUSTENTABILIDADE, SEGURANÇA E DE CAPITAL IMOBILIÁRIO. UMA GALERIA DE ARTES A CÉU ABERTO ESTÁ NOS PLANOS

E-BUSINESS PARK DE PORTAS

Beto SILVA

O conceito de condomínio fechado permeou o modelo de negócio do E-business Park, um complexo empresarial localizado no bairro Lapa, na zona oeste da capital paulista, montado a partir de 2004, quando a alemã Siemens saiu do local e vendeu o espaço para um grupo de investidores. Fechado porque o acesso é rigoroso e controlado — no formato de campus, com portaria e segurança 24 horas por dia, sete dias da semana — liberado apenas para funcionários e convidados das cerca de 30 companhias instaladas no espaço de 160 mil metros quadrados. Entre as empresas que funcionam ali estão Nokia, GE, Lenovo, EDP, Teleperformance, Henkel e Mauricio de Sousa Produções. Uma minicidade onde circulam 10 mil pessoas diariamente, que usufruem de espaço para eventos e convenções, praça de alimentação com 13 restaurantes, farmácia, supermercado e agência bancária. Agora, o E-business Park quer abrir suas portas para mostrar ao público tudo isso e os projetos artísticos, de sustentabilidade, de segurança e de estrutura financeira imobiliária que envolvem o condomínio. "Em respeito à sociedade, queremos passar um pouco do que a gente sabe em inovação e que colocamos em prá-



 | FOTOS: DIVULGAÇÃO

INÊS 249





Em respeito à sociedade, queremos passar um pouco do que a gente sabe em inovação e que colocamos em prática"

SIDNEY ANGULO
DIRETOR DO E-BUSINESS PARK

S ABERTAS

tica nesses 20 anos de administração", disse à DINHEIRO Sidney Angulo, um dos proprietários e diretor do E-business Park, ao revelar que em duas décadas foram investidos cerca de R$ 500 milhões no local.

A ideia — que está sendo desenhada e em breve será colocada em prática de maneira gradativa — é abrir o condomínio, a princípio de sexta a domingo, para atividades de escolas e grupos interessados nos temas que o E-business tem a oferecer. O propósito, de prestar um serviço social, de fato existe. Mas, tangencialmente, o projeto também servirá como uma vitrine para divulgação e branding do espaço, que antes da pandemia tinha menos de 4% de espaços ociosos. Com as restrições de circulação impostas para contenção da Covid-19, foi para 18%. Hoje está em 16%.

ATRATIVOS Entre os investimentos que estão no pipeline e que serão um dos atrativos da visitação ao E-business Park estão R$ 25 milhões para implantar 30 mil metros quadrados de placas de energia solar nos telhados dos prédios do campus, até 2030. Hoje, a energia elétrica do espaço já é 100% limpa, a partir de contrato com a EDP para fornecimento de 9.855 MWh por ano, até 2026, provenientes de fontes renováveis, por meio do mercado livre de energia. Além disso, dentro do condomínio existe uma estação de distribuição de energia. Captação de água da chuva para reuso, a partir de 50 mil metros quadrados de telhados, é outro projeto destacado pelo diretor na área ambiental. "Temos um sistema para captar a água, tratá-la e deixá-la apta para utilização em rega de vegetação e lavagem das ruas internas", disse Angulo.

Além da questão da sustentabilidade, o E-business Park visa ser um atrativo no quesito artístico. Por lá, a Mauricio de Sousa Produções já faz sucesso e atrai centenas de pessoas mensalmente em suas visitas guiadas – em trabalho individual da empresa. Angulo vê potencial para ampliar essa vertente para todo o condomínio, que possui exemplares da Mônica Parade por todo o espaço e alguns rinocerontes, no mesmo estilo. Um painel de 70 metros de cumprimento do muralista brasileiro Kobra, famoso mundialmente, está em uma das paredes do local. O conjunto de obras será incrementado para ser "uma grande galera de artes a céu aberto", ao melhor estilo do Instituto Inhotim, em Brumadinho (MG) – obviamente, guardadas as devidas proporções. "Temos obras do Cássio Lázaro [artista plástico mineiro] e nossa ideia é convidar outros artistas nacionais para produzir arte e expor aqui", disse Angulo, que tem Helio Seibel como sócio no empreendimento.

Há ainda uma outra linha de atração que o fundador do E-business Park visa explorar: sua expertise em investimentos imobiliários. Seria uma espécie de consultoria sobre construção e gerenciamento de edifícios, mas sem a intenção de obter lucro com isso. "Tem muita gente que investe em fundos imobiliários mas não sabe como funciona. Nós temos uma vasta experiência nisso", ressaltou Angulo, que deixa de ser low profile para tomar a frente desse projeto de atendimento e abertura da estrutura do condomínio.



MINICIDADE
Trinta companhias estão instaladas no espaço de 160 mil metros quadrados do E-business Park, onde circulam 10 mil pessoas diariamente

CHILLI BEANS COM FOCO NA EXPANSÃO



Marca conhecida pelos óculos de sol diversifica sua atuação com investimento no segmento de óculos de grau. O plano é abrir 400 lojas até o final do ano que vem

Jaqueline MENDES

No segmento popular de óculos de sol, a marca Chiili Beans se tornou no Brasil quase sinônimo de produto, status que a americana Ray-Ban conquistou em todo o mundo algumas décadas atrás. Guardadas as devidas proporções na comparação, outra característica em comum é a ambição por crescimento. A empresa fundada e comandada pelo empresário Caito Maia definiu um ousado plano de expansão, que vai além dos óculos de sol. A estratégia agora é avançar no segmento de lentes com receita, os famosos óculos de grau. Por isso, a rede Ótica Chilli Beans colocou foco no chamado "Plano 400", um projeto que prevê a abertura de 400 óticas de rua até o final de 2025. Atualmente, a marca conta com cerca de 300 lojas abertas, sendo 10% na rua.

O objetivo é pulverizar um formato de loja mais acessível – a exemplo dos produtos que a fizeram ser conhecida. Um dos principais diferenciais um investimento abaixo dos demais pontos, a partir de R$ 190 mil, e com maior apelo para a rua, como forma de oportunidade para novos entrantes e para

 FOTOS: CLAUDIO GATTI | DIVULGAÇÃO

LÍDER DE MERCADO
Empresa quer manter a liderança que tem no mercado de óculos de sol para o ramo dos de grau

atender o consumo de ótica desta categoria. Além disso, as óticas irão contar com vitrines maiores, para chamar a atenção do consumidor, valores mais acessíveis em armações e lentes, além de uma comunicação focada em promoções, com auxílio de geolocalização, em cada ponto de venda.

Inaugurada oficialmente em 2019, a Ótica Chilli Beans se consolidou no mercado e hoje é considerada a terceira maior do Brasil, embora esteja distante das líderes Óticas Carol (Luxottica) e Óticas Diniz. O avanço e a aposta na marca se intensificaram ainda mais durante a pandemia, quando os óculos de grau passaram a ser mais procurados dentro das lojas da Chilli Beans Vermelha, considerada a maior rede especializada em óculos escuros da América Latina. Foi aí que Caito Maia, fundador de ambas as marcas, viu a oportunidade de alavancar no mercado de ótica. Até 2020, os óculos de grau representavam 20% das vendas da rede de lojas, com o avanço na pandemia passaram a representar 50% das vendas.

Inspirada em uma barbearia cubana do século 20, a Ótica Chilli Beans inaugurou sua primeira unidade em 2019, no Shopping Cidade São Paulo e, hoje, é a terceira maior rede do Brasil, com mais de 250 unidades em operação. De acordo com Maia, a rede é pioneira no formato de self-service ótico, que permite ao cliente manusear e experimentar os produtos, e a primeira no segmento a ter ponto de venda monomarca. De acordo com o executivo, o objetivo sempre foi proporcionar uma experiência "diferenciada ao consumidor, em um ambiente aconchegante e moderno, são especialistas em estilo e qualidade em armações, além de contar com excelência técnica nas melhores lentes do mercado, como Varilux e Crizal".

NA RUA De acordo com informações da pesquisa IPV (Índices de Performance do Varejo), entre março de 2023 e mesmo período de 2024, as vendas em lojas de rua cresceram 11% e o faturamento 18%, enquanto em lojas de shoppings o crescimento foi menor, marcando 10% de alta nas vendas e 11% no faturamento, pontuando uma migração do comportamento do consumidor. Enquanto os shoppings se tornam centros voltados para entretenimento e serviço, o consumo fica focado em lojas de rua, nos bairros. Com isso em mente, o "Plano 400" atende uma demanda do mercado e abre o caminho para expansão que Caito procurava. Segundo ele, o objetivo é não ser uma ótica engessada, com produtos trancados numa vitrine. A ótica pretende trazer o mesmo conceito das lojas da Linha Vermelha e transformar os óculos de receituário em acessórios de moda. "Nós já somos a maior marca de óculos escuros da América Latina e agora estamos entrando forte no mercado de grau, queremos estar entre os maiores nesse segmento e trabalhamos para isso", afirmou Caito.



DO SHOPPING PARA RUA
Empresa quer aliar o estilo tradicional visto nos centros de compras para unidades abertas, para maior atração do público



BAXTER FAZ MAIS COM MENOS

Farmacêutica americana revoluciona na política redução de recursos naturais e consegue diminuir uso de água em quase 90% nas operações

Allan RAVAGNANI

A americana Baxter é a companhia líder mundial no segmento de tecnologia médica. Muito mais que uma farmacêutica, a maior produtora global de soro hospitalar vem se destacando atualmente por suas ações voltadas para sustentabilidade ambiental. Como consequência de um bem-sucedido programa de conservação, a Baxter obteve reduções notáveis no consumo de recursos naturais, como de 89,3% em água, 69,2% em energia elétrica, 77% em gás natural e 74,6% na soma de todas as energias.

Os ganhos de eficiência foram substanciais. Para se ter uma ideia, em 2023, a planta de manufatura no Brasil reduziu o consumo de 18,8 litros de água por

 FOTOS: DIVULGAÇÃO





A água é a nossa principal matéria-prima, por isso economizar o recurso é fundamental até para o nosso negócio"

WOLFGANG LOSCHER FILHO,
DIRETOR-GERAL DA BAXTER NO BRASIL

litro na produção de soro para apenas 2,19 litros. Essa unidade de fabricação, localizada em Interlagos, São Paulo, recebeu investimentos de US$ 5 milhões para se adaptar ao modelo, e abastece tanto o mercado nacional quanto exporta para países da América Latina, como Colômbia, Chile e Peru.

O programa da Baxter busca reduzir o consumo dos recursos utilizando uma melhor gestão por meio de boas práticas usadas internacionalmente, como o aumento do reuso da água, a gestão de qualidade da descarga e a proteção das fontes locais de água, especialmente em áreas de escassez hídrica. "A água é a nossa matéria-prima básica para a produção do soro, por isso economizar água é fundamental tanto para a preservação do meio ambiente quanto para o negócio", afirmou o diretor-geral da companhia no Brasil, Wolfgang Loscher Filho. "Incluímos a promoção da sustentabilidade em todas as nossas operações de fabricação e cadeia de suprimentos e nos esforçamos para reduzir continuamente a nossa pegada ambiental, usando água, energias e matérias-primas de forma eficiente e consciente", salientou.

Os números da empresa impressionam. São 47 mil funcionários em mais de 100 países ao redor do mundo. No Brasil, são mais de 1,2 mil funcionários alocados em quatro unidades, sendo uma fábrica de manufatura, um centro de distribuição, uma unidade de serviços técnicos e um escritório de negócios central. Por ano, a companhia auxilia no tratamento médico de 350 milhões de pessoas pelo planeta.

A Baxter também foi a primeira empresa farmacêutica no Brasil a conquistar o certificado ISO 50001, norma internacional que define práticas de gestão de energia, consideradas as melhores do mundo. Listada na Bolsa de Valores de Nova York, a companhia tem valor de mercado de US$ 17,63 bilhões.

Wolfgang Loscher afirmou que a companhia vem exercendo as melhores práticas de ESG em todas as unidades do mundo, com estabelecimento de padrões mínimos a serem cumpridos. Segundo ele, todas as ações de ESG são auditadas para dar maior transparência. A área de Meio Ambiente, Saúde, Segurança e Sustentabilidade da Baxter também gerencia iniciativas e programas para sustentabilidade, além de criar valor para os stakeholders, promovendo a gestão ambiental superior e garantindo a saúde e segurança dos funcionários.

REPRESENTATIVIDADE A unidade brasileira é tão importante para o grupo, que o faturamento das operações da América Latina, centradas no Brasil, representa cerca de 25% do faturamento global da Baxter. Recentemente a companhia adquiriu a Hillrom, outra empresa americana de tecnologia médica, em uma transação de US$ 12,5 bilhões, uma das maiores do setor. Com a aquisição, a Baxter conseguiu reunir dois líderes inovadores em tecnologia médica para acelerar a visão compartilhada de transformar a saúde e avançar no atendimento ao paciente — do hospital ao lar.

Além disso, a ampliação do portfólio a partir da união das duas empresas permitiu à Baxter oferecer soluções integradas e customizadas para todas as áreas hospitalares, criando possibilidades de conectividade com inovação digital de ponta, focada em melhorar o atendimento e qualidade de vida do paciente, reduzindo custos e aumentando a produtividade dos profissionais de saúde. 



UNIDADES COM SELO ISO
Fábrica na zona sul de São Paulo recebeu investimentos para adotar as melhores práticas na redução de consumo de recursos

A NOVA GERAÇÃO DE **PRODUTOS DA MICROSOFT**



A Microsoft lançou na segunda-feira (20), a linha Surface Pro, nova geração híbrida de tablet e laptop, com grande promessa de desempenho. "Em comparação com as gerações anteriores do Surface, não chega nem perto", disse Brett Ostrum, vice-presidente corporativo do Surface da Microsoft, no evento de lançamento. É até 90% mais rápido que o modelo anterior e possui 5G opcional. Também tem uma Unidade de Processamento Neural (NPU), o chip no qual a Microsoft confia para muitos de seus recursos de IA no dispositivo. No recheio, a linha de processadores Snapdragon X, em que a Qualcomm promete que seu chip finalmente será rápido o suficiente para rivalizar com Apple, AMD e Intel. Na visão do CEO, Satya Nadella, os computadores "não apenas nos entendem, mas antecipam o que queremos".

MEDO DE PERDER O EMPREGO PARA ROBÔS?

Para a maioria dos que responderam a essa pergunta, a resposta é não. O estudo "Futuro do Trabalho: onde estamos e para onde vamos", realizado pela plataforma de inteligência Futuros Possíveis, com apoio do Grupo Boticário, apresenta insights sobre temas que vão desde o impacto da tecnologia nas carreiras e satisfação, até as preferências por modelos de trabalho. Veja alguns resultados:

Não temem perder seus empregos para robôs



77%

Acreditam que seus empregos serão substituídos por pessoas que usam tecnologia melhor



57%

Relatam gastar menos tempo em tarefas a partir de adoção de tecnologias



67%

O índice, em 2023, dos que relataram gastar menos tempo em tarefas



52%

Discordam que sua profissão vai desaparecer nas próximas duas décadas



56%

Acham difícil acompanhar as mudanças tecnológicas



47%

Consideram que as empresas onde trabalham não estão preparadas para o trabalho híbrido



38%

"A TECNOLOGIA VEM PARA POTENCIALIZAR O TRABALHO HUMANO, E NÃO SUBSTITUÍ-LO. FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS PODEM AJUDAR AS PESSOAS A TOMAREM MELHORES DECISÕES E A REALIZAREM ALGUMAS TAREFAS DE MANEIRA MAIS RÁPIDA, PRINCIPALMENTE PROCESSOS MAIS MOROSOS."

DANIEL KNOPFHOLZ, VICE-PRESIDENTE DE PESSOAS E TECNOLOGIA NO GRUPO BOTICÁRIO



MARI, CEO E COFUNDADORA DA FUTUROS POSSÍVEIS

"HÁ PREOCUPAÇÃO CRESCENTE DOS PROFISSIONAIS EM SE MANTEREM ATUALIZADOS EM UM MERCADO DE TRABALHO CADA VEZ MAIS TECNOLÓGICO. É ESSENCIAL INVESTIR EM CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PARA GARANTIR A EMPREGABILIDADE NO FUTURO"

CARIMBO REAL PARA CARROS AUTÔNOMOS



Lei de Veículos Automatizados (AV) já havia sido aprovada pelos parlamentares do Reino Unido e agora recebeu aprovação real, o carimbo final que qualquer regra deve passar antes de ser consagrada em lei. A expectativa é de que carros sem motorista estejam nas ruas britânicas até 2026. "Um verdadeiro impulso tanto para a segurança como para a nossa economia", disse o secretário dos Transportes, Mark Harper.



LENOVO LANÇA LAPTOPS COM TECNOLOGIA QUALCOMM

Para não ficar para trás na corrida dos computadores inovadores, a chinesa Lenovo também anunciou na segunda-feira (20) dois laptops com tecnologia Qualcomm ao seu portfólio: um Yoga Slim e novo ThinkPad. O primeiro terá 1,29 centímetro de espessura. A duração da bateria será de vários dias, segundo a fabricante. Já o ThinkPad T14s Gen 6 terá foco nos negócios. Ambos estarão disponíveis em junho nas prateleiras.



US$ 90 BILHÕES

É o valor que os Estados Unidos vão aplicar em financiamento para conectividade (projetos de infraestrutura, acessibilidade e educação) e, assim, acabar com a exclusão digital. Especialistas levantam o questionamento: será suficiente?

STARTUP DE RECRUTAMENTO, **SEEKOUT DEMITE 30% DE SUA FORÇA DE TRABALHO**

Tecnologia também tem suas ironias. A SeekOut, startup de recrutamento que usa IA para encontrar candidatos e avaliada em US$ 1,2 bilhão, cortou cerca de 30% de sua força de trabalho. "Ultimamente, temos gasto cerca de US$ 2 para ganhar US$ 1 e, neste último ano fiscal, sofremos uma queima significativa de caixa", escreveram o CEO da SeekOut, Anoop Gupta, e o CTO Aravind Bala, em uma carta aos funcionários. É bem provável que os colaboradores desligados não usem os serviços da SeekOut para se recolocarem no mercado de trabalho.



INFOGRÁFICO: FABIO X | FOTOS: ISTOCK | DIVULGAÇÃO

INÊS 249

MAIS ARMAS NA GUERRA DA CIBERSEGURANÇA

Na mira de ataques de hackers, empresas brasileiras aumentam grau de maturidade de segurança e apostam em Inteligência Artificial — assim como os criminosos digitais

Letícia FRANCO

Estamos em uma nova era da tecnologia, inaugurada pela disseminação do ChatGPT em 2022, que tem em sua essência a Inteligência Artificial generativa embarcada. Saúde, educação, indústria, varejo e muitos outros setores tem avançado seus negócios a partir da popularização da IA. Mas, temos de levar em conta os poréns. Assim como toda solução tecnológica, pode ser usada para o bem e para o mal. Segundo estudo da TI Safe, apresentado na 5ª edição da Conferência Latino-Americana de Segurança em Scada (Class), entre os dias 14 e 16 de maio, a atual geração de ataques cibernéticos contra redes operativas de infraestruturas críticas — as quais podem causar impactos sociais e econômicos — passa a utilizar a Inteligência Artificial para a integração às ferramentas de hacking. Trata-se de um alerta importante para o Brasil, que figura como o segundo país do mundo mais vulnerável a ataques de hackers, atrás apenas dos Estados Unidos, de acordo com relatório da Trend Micro. O Brasil sofreu 60 bilhões de tentativas de ataques cibernéticos em 2023 (FortiGuard Labs). A boa notícia é que a tecnologia também é uma aliada da cibersegurança, ao aprimorar sistemas de proteção e mais agilidade nas respostas a essas tentativas.

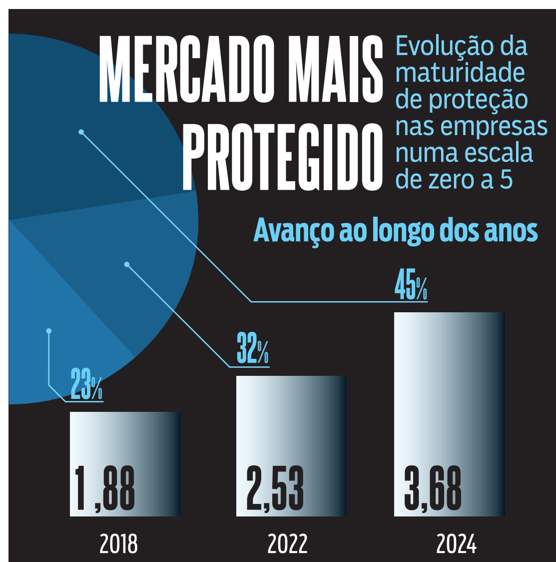
Para Marcelo Branquinho, CEO da TI Safe, empresa brasileira de cibersegurança para os setores industriais, fundada em 2007, os criminosos digitais estão sempre um passo à frente. E não seria diferente com o uso de Inteligência Artificial. “Cada vez mais a IA está sendo usada por cibercriminosos para ataques a redes operativas. As empresas precisam se preparar para essas tendências que já acontecem”, afirmou à DINHEIRO. Para isso, novas ferramentas são integradas ao universo da segurança digital. No caso da TI Safe, que atende mais de 150 clientes, como Braskem, Raízen e Copel (Companhia Paranaense de Energia), foi lançada a plataforma de segurança que contém tecnologias com Inteligência Artificial para gerar respostas assertivas e rápidas na detecção de ameaças.



 | ILUSTRAÇÃO: FREEPIK



O Safer, uma assistente virtual para a cibersegurança de companhias industriais, é um desses recursos. Segundo Branquinho, aliado a outras ferramentas já oferecidas pela empresa através de um plano de assinatura, que combina processos, tecnologias e treinamento de equipes, o programa pode fortalecer as reações às crescentes ofensivas de hackers. O Brasil registrou 38% de aumento nos ciberataques no primeiro trimestre. Uma organização no Brasil foi atacada por várias ciberameaças em média 1,7 mil vezes por semana, entre outubro de 2023 e março de 2024, em comparação com 1,1 mil por organização globalmente, segundo a Check Point Research.



EMPRESAS Diante do grande volume de ameaças, o mercado busca desenvolver um ambiente mais seguro. De 2018 a 2022, a média geral do grau de maturidade de proteção subiu de 1,88 para 2,53 numa escala de 0 a 5. Isso significa que as 132 corporações avaliadas pela TI Safe conseguiram, ao longo de quatro anos, estabelecer novos controles e formalizar suas estruturas de gestão de segurança, principalmente com relação à Segurança de Borda, Segurança de Dados e Controle de Malware. Já neste ano, o número ascendeu para 3,68, apontando um avanço contínuo na implementação e eficácia dos controles de segurança adotados.

Nesse segmento, a Copel é um dos exemplos de empresas que sofreram ataques e avançaram em segurança. A companhia do Paraná foi atacada em fevereiro de 2021, quando um ransomware passou por uma das camadas de segurança infectando um computador, mas outros protocolos conseguiram agir a tempo, o que evitou mais prejuízos. De acordo com Victor Muller, gerente de segurança cibernética de TO da Copel, após o evento foram criadas políticas e normas para estabelecer ações que aumentassem a proteção. Atualmente, o grau de maturidade da corporação é avaliado em 2,39, número que a Copel quer subir para pelo menos 3 em 2024.

Já a petroquímica Braskem iniciou os investimentos em cibersegurança industrial em 2016, antes de sofrer o primeiro ataque. Em 2020, um ransomware atingiu a rede corporativa da empresa. Lucas Andrade Magalhães, engenheiro de segurança de TO, disse que um dos maiores desafios é trabalhar a cultura de segurança cibernética entre as equipes. "A jornada interna de avanço nesse âmbito é muito importante, pois o aumento da conscientização em times industriais eleva toda a cadeia de defesa perante ataques", afirmou. Para isso, a Braskem desenvolveu programas para engajamento e treinamento de times.

REGULAÇÃO A adoção de ferramentas de cibersegurança em empresas faz parte de um pequeno degrau para a solução do problema. É preciso mais do que isso para proteger, de fato, as indústrias brasileiras de ataques que levam a prejuízo intangíveis, como a invasão de um sistema de uma companhia elétrica, que pode resultar no apagão de cidades inteiras. Em dezembro de 2023, o governo federal assinou o decreto que instituiu a Política Nacional de Cibersegurança (PNCiber), para combater "crimes e ações maliciosas" e promover o desenvolvimento de tecnologias para maior segurança. Apesar de considerar um avanço, o executivo da TI Safe afirmou que "será necessário fiscalização e investimentos do governo em cibersegurança para implementar, realmente, essa cultura no mercado". Trata-se de um trabalho que envolve fiscalização, regulações, empresas e a academia, a última é considerada por Branquinho a base para as outras. Junto aos avanços tecnológicos, como a IA, isso pode reduzir a vantagem histórica de hackers nessa guerra cibernética.



"A IA está sendo usada por cibercriminosos para ataques a redes operativas. As empresas precisam se preparar para essas tendências"

MARCELO BRANQUINHO
CEO DA TI SAFE

FOTO: DIVULGAÇÃO



LUÍS GUEDES
PROFESSOR
DA FIA BUSINESS
SCHOOL

NÃO É SOMENTE SOBRE OS DADOS

O estoicismo, uma filosofia que tem raízes no século III a.C, enaltece a temperança, o controle da razão sobre nossas emoções e a importância de concentrar a atenção sobre o que podemos controlar, deixando repousar sobre solene indiferença o que não podemos.

Vivemos um tempo sem precedentes na história, onde os cinco anos anteriores pouco servem de parâmetro para os cinco que virão. A transformação digital acelera para todas as direções ao mesmo tempo e embaralha o jogo a cada rodada. Para aqueles e aquelas que têm responsabilidade executiva sobre o presente e que arquitetam o futuro das organizações, esse fenômeno é ao mesmo tempo um fardo e um grande campo de possibilidades. Não é à toa que vivemos uma epidemia de ansiedade — o Brasil, segundo a Organização Mundial da Saúde, tem o maior número de pessoas ansiosas do mundo. Somos cerca de 19 milhões (9% da população!).

Nesse ambiente conflagrado pela pressa, as decisões orientadas por dados podem servir às lideranças como um instrumento que, somado a bons princípios, direciona pensamentos, ações e decisões. A integração da análise baseada em dados com as virtudes estoicas de temperança, sabedoria, coragem e justiça podem robustecer o papel da liderança em tempos nos quais sua voz é cada vez mais importante. Agir decisivamente sobre aquilo que podemos mudar parece ser um bom mantra.

O começo de tudo, antes mesmo de se pensar nos dados, está na definição do propósito que nos anima — é daí que se deriva o que é "certo" e sobre o qual podemos nos dedicar de corpo e alma. A liderança orientada por dados se ancora nos valores e na cultura e constrói sua narrativa baseada em evidências claras e empíricas, usando as emoções e os dados, mas não a reboque deles. Esse modo de operar reduz a ansiedade do risco e promove uma abordagem equilibrada, que promove a confiança e o comprometimento dos times. Assim se facilitam as decisões oportunas, eficazes, defensáveis sob a luz do Sol e sobretudo que respeitam as pessoas. Se não é para isso que nos alistamos, eu não sei para o que foi...

> "O surgimento de um novo arquétipo de liderança emerge com uma capacidade ambidestra de combinar a precisão das decisões habilitadas por dados com a sabedoria entrelaçada em valores, que pouco se perturba diante da adversidade"

Porém (sempre há um porém), não é nada trivial pedir a líderes que consolidaram ao longo do tempo e com muito esforço a sua própria capacidade de tomar boas decisões para agora confiar às máquinas e processos automáticos as decisões importantes dos negócios. O surgimento de um novo arquétipo de liderança emerge com uma capacidade ambidestra de combinar a precisão das decisões habilitadas por dados com a sabedoria entrelaçada em valores, que pouco se perturba diante da adversidade. Uma pesquisa recente mostra o tamanho do desafio: somente 45% das lideranças sêniores acreditam que a disrupção digital "chegou à sala do Conselho". Esse fenômeno lembra o mecanismo de proteção mais elementar da nossa mente: a negação.

Não se engane atenta leitora, antenado leitor, a liderança habilitada (mas não comandada) por dados veio para ficar. O resultado da liderança eficaz é mensurável e construído ao redor da geração consistente de resultados econômicos relevantes, socialmente significativos e de um ambiente de trabalho harmônico, sem comprometer sua saúde no processo. Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo!

IA CHEGA AOS NOTEBOOKS

A gigante taiwanesa Asus lança o primeiro computador pessoal equipado com Inteligência Artificial do Windows 11. Aposta é na experiência de uso para turbinas as vendas **Nelson FERNANDES**



ANÚNCIO GLOBAL Executivos da gigante taiwanesa Asus participaram do encontro anual da companhia, o Next Level AI Incredible

A Inteligência Artificial (IA) tem ocupado espaços em quase todas as empresas e os setores economia, mas ainda estava tímida no segmento de computadores pessoais. Mas não está mais. A gigante taiwanesa Asus anunciou na segunda-feira (20) uma nova geração de notebooks impulsionados por IA. A novidade foi apresentada no encontro anual da companhia, o Next Level AI Incredible, onde o Asus Vivobook S 15 foi mostrado oficialmente ao mundo. Equipado com o Snapdragon X Elite, o dispositivo é o primeiro notebook Copilot+ da empresa, com recursos de IA do Windows e uma coleção de aplicativos exclusivos da Asus que visam, segundo a fabricante,

 FOTOS: MINISERIES | DIVULGAÇÃO



melhorar o trabalho e o lazer do usuário. “À medida que a Asus embarca nessa jornada, marcada pelo lançamento do nosso primeiro notebook de IA, estamos no início de uma nova era da computação pessoal”, afirmou o co-CEO da empresa, S.Y. Hsu. “Acreditamos que esses dispositivos são o futuro dos notebooks e mudarão drasticamente a forma como trabalharemos, estudaremos, criaremos e jogaremos.”

O novo equipamento não é importante apenas para a Asus, mas representa um divisor de águas no mercado de tecnologia e para bigtechs como Microsoft e Qualcomm, que enviaram seus executivos ao evento. “É um momento empolgante para colaborar com parceiros como a Asus, que nos permite trazer hardwares inovadores que desbloqueiam o software de IA para a vida de nossos clientes”, afirmou Mark Linton, vice-presidente da Microsoft. “Com o lançamento do Vivobook S 15 da Asus, estamos trazendo o poder do Copilot no Windows, Recall e Cocreator, mostrando o potencial da IA no dispositivo e baseada em nuvem”, disse.

Esse otimismo da Microsoft com a introdução da IA aos computadores pessoais reflete a empolgação da Qualcomm, que aposta nas inovações para acelerar suas vendas em todo mundo. “Estou entusiasmado que a Qualcomm e a Asus estejam trabalhando juntas para trazer inovação líder do setor para consumidores e empresas, e nossa colaboração mais recente é a melhor até agora”, disse Cristiano Amon, presidente e CEO da Qualcomm, durante o evento.

Segundo o consultor em tecnologia Renato Ammon Borges, mestre em desenvolvimento de softwares pela UFMG e especialista em IA, a iniciativa da Asus está em linha com a estratégia das maiores empresas globais do mercado de notebooks. “Assim como a Asus, companhias como Samsung, Dell e Lenovo têm investido pesado na implementação de IA em seus melhores aparelhos”, afirmou. “O ganho de produtividade é comparável ao uso de smartphones em relação aos antigos celulares que só faziam ligação.”

ATRIBUTOS O Asus Vivobook S 15 não tem, no entanto, apenas a IA como atributo. A bateria tem uma supercapacidade de até 18 horas de duração, ideal para quem demanda alta produtividade ininterrupta, como jogos on-line. Com uma tela 3K, 120 Hz Asus Lumina OLED, áudio com certificação Harman Kardon e um elegante chassi leve de 14,7 mm de espessura e 1,42 kg, entrega desempenho superior em relação aos últimos modelos da marca. Internamente, o processador é alimentado pelo Snapdragon X Elite com NPU integrada Qualcomm Hexagon.

Os aprimoramentos de IA de próxima geração incluem o Windows Studio Effects e uma câmera Asus AiSense IR. Os recursos de detecção de presença da câmera habilitam a função de Escurecimento Adaptativo — que escurece a tela quando o usuário desvia o olhar — e o Bloqueio Adaptativo, que bloqueia automaticamente o notebook quando o usuário se afasta e o desbloqueia quando ele retorna. Além disso, o equipamento é também o primeiro dispositivo a apresentar a aplicação de IA exclusiva da empresa, StoryCube, forma mais inteligente, conveniente e poderosa de gerir todos os ativos digitais.

A rapidez na conexão outro ponto forte do aparelho. Graças ao WiFi 7, ativado pelo sistema Qualcomm FastConnect 7800, o Vivobook S 15 promete entregar velocidades de até 5,8 Gbps, ultrapassando o WiFi 6 em 4,8 vezes, garantindo streaming contínuo, conclusão de tarefas sem esforço e downloads ultrarrápidos. Ao que tudo indica, se depender da Asus, a IA do futuro passou a ser realidade do mercado de notebooks.

APARELHOS DO FUTURO Para executivos da Asus, novos dispositivos mudarão a forma como trabalhamos, estudamos, criamos e jogamos



GERAÇÃO IMPONENTE O Vivobook S 15, da Asus, tem embarcado o Copilot no Windows, Recall e Cocreator, mostrando o potencial da IA no dispositivo

CONVÍVIO VALORIZADO
Ambientes criados por Marcelo Salum (1), Paola Ribeiro (2) e pela dupla Eloy e Felipe Fichberg (3), do escritório Trees Arquitetura: integração de espaços para proporcionar maior integração entre as pessoas







CASACOR SÃO PAULO: DE PRESENTE, O AGORA

Principal evento da maior plataforma cultural de arquitetura, paisagismo e design de interiores das Américas, a Casacor São Paulo 2024 abriu as portas na terça-feira (21), para mais uma edição montada no Conjunto Nacional, desta vez com o com o tema De Presente, O Agora. Ocupando 9 mil m² de área construída no icônico edifício modernista assinado pelo arquiteto David Libeskind (1928-2014), a mostra apresenta 70 ambientes (incluindo não apenas os projetos de ambientes como também as operações de restaurantes, bar, café e lojas). Segundo o diretor-geral André Secchin, "a Casacor se tornou um espaço de convivência, em que arquitetar relações humanas se torna o objetivo central". Por isso, o tema proposto para a edição deste ano convida a refletir sobre como as nossas decisões cotidianas impactam nas futuras gerações. Para surpreender a cada ambiente visitado, os curadores Livia Pedreira, Pedro Ariel Santana e Cris Ferraz convidaram um elenco que inclui Fernanda Marques, Brunete Fraccaroli, David Bastos, José Roberto Moreira do Valle, Leo Shehtman e Rosa May Sampaio. Entre as tendências que se destacam, amplos espaços de convivência para integrar pessoas e ambientes, como mostram os exemplos que ilustram esta página. A expectativa é que a 37ª edição receba 125 mil pessoas ao longo das dez semanas de exibição, até 28 de julho. O Conjunto Nacional fica na Avenida Paulista, 2073, e os ingressos custam R$ 111 (inteira) e R$ 56 (meia entrada).

 FOTOS: DIVULGAÇÃO



RELÓGIO

ARMIN STROM
EM APENAS 25 UNIDADES

Relógios exclusivos em tiragens ultralimitadas costumam ser objetos de desejo dos colecionadores. Ainda mais quando se trata de uma grife com a Armin Strom, fundada em 1967 pelo relojoeiro que se tornaria uma lenda na arte da esqueletização –que possibilta visualizar o mecanismo através da lente do relógio. Em 2008, a gestão do legado do Sr. Strom passou a ser responsabilidade do mestre relojoeiro Claude Greisler e do empresário Serge Michel, que juntos revitalizaram a marca com a abertura da primeira manufatura totalmente integrada de Armin Strom. Há 15 anos, a marca projeta, desenvolve, galvaniza e faz o acabamento manual de todos os seus relógios, como é o caso do One Week First Edition, lançado em tiragem de 25 unidades e à venda nos representantes da relojoaria por 32 mil francos suíços (cerca R$ 182 mil pelo câmbio oficial, sem impostos).

IMÓVEL

THE ST. REGIS RESIDENCES
BRILHA EM MIAMI

Situado ao longo da bela costa de South Brickell, com vistas deslumbrantes da baía, uma marina privada e um restaurante do estrelado chef Fabio Trabocchi, o empreendimento The St. Regis Residences pretende combinar passado e futuro em Miami. Isso porque o projeto do escritório novaiorquino Roberto A. M. Stern Architects combina a estética da era de ouro dos transatlânticos e a mais avançada tecnologia construtiva para resultar em um design fluido e brilhante. São 150 unidades em 48 andares. Suas residências dotadas de terraços privados (com áreas entre 243 m2 e 687 m2) seguem um padrão de curvas que simulam as ondas da baía abaixo. Os preços partem de US$ 5,14 milhões.



MODA

JUST ANOTHER BRAND
AGORA PARA MULHERES

Reconhecida pela inovação nos materiais (como é o caso do uso de velas náuticas) e pela funcionalidade das peças que produz, a marca Just Another Brand (JAB) acaba de anunciar sua primeira coleção feminina. São jaquetas, malhas, calças e outros itens de inverno pensados para vestir a mulher contemporânea em todas as situações da vida diária. Segundo os criadores, seja para uma reunião formal, um jantar descontraído ou uma escapada de fim de semana, a linha feminina apresenta uma combinação inteligente de moda e utilitarismo, com uma paleta de cores sólidas e monocromáticas que possibilitam a criação de looks versáteis e sofisticados. Por enquanto, a coleção é limitada e está disponível apenas nas lojas físicas da marca.





CARRO

NOVO CAYENNE GTS: 500 CAVALOS A PARTIR DE R$ 930 MIL

Com as entregas das primeiras unidades previstas para o segundo semestre, o novo Porsche Cayenne GTS já pode ser encomendado em todas as concessionárias da marca alemã no Brasil. O modelo é oferecido em duas versões: Cayenne GTS (R$ 930 mil) e Cayenne GTS Coupé (R$ 960 mil). Combinado as qualidades de um carro esportivo de alta performance com as de um SUV para todo terreno, o modelo esbanja tecnologia e potência. Traz suspensão a ar adaptativa para garantir conforto e estabilidade em qualquer situação de uso. O motor V8 biturbo de 4 litros passou por uma extensa revisão técnica que resultou em ganhos de eficiência e um aumento significativo no desempenho, com 500 cv de potência que permite acelerar de 0 a 100 km/h em 4,4 segundos. A velocidade máxima é de 275 km/h.

BÚZIOS RESSIGNIFICA O FUTURO DO TURISMO

Terceiro destino mais desejado do País, cidade do litoral fluminense recebe onda de investimentos e lança iniciativa para preservar seu charme mundialmente famoso

Celso MASSON

ENCANTO NATURAL
Pôr do sol sobre o mar na Praia dos Ossos, com a escultura Três Pescadores em primeiro plano. Viver Búzios pretende divulgar o destino sem descaracterizá-lo

Da bucólica e pacata vila de pescadores até a década de 1950, Búzios se tronou conhecida como a "Saint Tropez brasileira" depois de revelada ao mundo por Brigitte Bardot, atriz que ainda é o símbolo do glamour local. Virou paraíso de argentinos e paulistas a partir da década de 70. E segue se reinventando para atrair mais visitantes e residentes sem perder a magia que faz da cidade um dos três destinos mais desejados do País, perdendo apenas para Rio de Janeiro e São Paulo, segundo pesquisa recente da Omnibees. Seus encantos vão muito além das 23 praias (uma bem diferente da outra), do sol que brilha o ano inteiro (é a cidade litorânea em que menos chove no Brasil) e da incomparável oferta de hotéis, pousadas, restaurantes, lojas e passeios. Pode parecer exagero, mas há algo ali que não cabe em palavras e nem mesmo em imagens. "Quando a gente fala de Búzios, talvez o que melhor a defina seja a qualidade de vida dos moradores da cidade", afirmou o prefeito Alexandre Martins durante o lançamento em São Paulo da iniciativa Viver Búzios, na quarta-feira (22). A busca por essa qualidade de vida talvez explique chegada de novos empreendimentos imobiliários voltados para o público de alta renda nos últimos dois anos. Eles estão dando à antiga vila de pescadores uma nova feição, e ela ainda melhor que as anteriores.

Para transmitir aos turistas e possíveis investidores esse novo momento da cidade, um grupo de empresários, liderado pelo CEO do grupo ST, Marcelo Conde, se uniu ao Búzios Convention & Visitors Bureau para lançar uma plataforma de divulgação do destino. Batizada Viver Búzios, a iniciativa inclui o portal de conteúdo e reservas on-line visitbuzios.com.br. "Viver Búzios é um encontro de desejos voltados para valorizar o que nós temos de muito especial, que é a qualidade dos serviços que a cidade oferece, inclusive agora no setor imobiliário", afirmou Conde.

O melhor exemplo dessa ressignificação do destino é o bairro planejado Aretê Búzios, considerado o maior complexo imobiliário do litoral brasileiro, com marina própria, condomínios residenciais interligados por canais navegáveis, restaurante, campo de golfe, aeroporto e um beach club onde funciona uma filial do já consagrado restaurante Belli Belli, com duas unidades (uma delas funcionando como pizzaria) no badalado Porto da Barra, na praia de Manguinhos, local de desembarque dos navios de cruzeiro e cenário do mais concorrido pôr do sol da cidade.

Com investimento pesado de um fundo imobiliário capitaneado por Pedro Bulhões, do Opportunity, o Aretê está atraindo a ocupação de Búzios para uma região antes pouco valorizada, a Praia Rasa, que fica a cerca de 12 quilômetros da Orla Bardot. Desde que as obras começaram por ali, novos hotéis foram erguidos nas imediações, com destaque para o Villa Rasa, hoje um requisitado destino de casamento e que acaba de inaugurar um spa a cargo de Henrique Bertini, criador do Gabinete de Ayurveda. "Eu me mudei do Rio de Janeiro para Búzios na condição de gerente de wellness do Villa Rasa", disse Bertini. "Aqui oferecemos mais de 60 técnicas, entre terapias, tratamentos estéticos e serviços de beleza".

Entre as opções, diversos tipos de massagens, aulas de ioga, hammam, sauna ayurvédica e até uma câmara de flutuação. "Teremos programas de tratamento com hospedagem de três a cinco dias. Para quem não quiser vir dirigindo, uma van fará o traslado a partir do Leblon", afirmou.

GASTRONOMIA A ênfase no bem-estar é também uma das propostas do A Concept Hotel & Spa, inaugurado em 2022 com apenas 13 suítes e que já passou por uma ampliação para receber novas acomodações e 15 vilas exclusivas, além de um novo spa, com inauguração prevista para junho.



SABOR E CHARME
Prato de frutos do mar do restaurante Belli Belli no clube de praia do Aretê e fogueira ao anoitecer em uma varanda do hotel Villa Rasa. Qualidade dos serviços é um dos pontos altos da cidade



FOTOS: CELSO MASSON I DIVULGAÇÃO





BEM-ESTAR
A elegante piscina interna e sessão de massagem no A Concept Hotel & Spa, um dos mais luxuosos de Búzios. Ampliação para atender mais hóspedes de alta renda

Recentemente, o A Concept apresentou seu novo restaurante, The Juls, em substituição ao Ban Thai. "Optamos em tirar o foco da comida tailandesa em nosso restaurante", afirmou o chef Marcos Sodré. "O The Jul's surgiu com a proposta de ser um restaurante de comida internacional com muitos grelhados no Josper, com opções da gastronomia japonesa e também com sugestões tailandesas", disse Sodré.

Outra novidade na já excelente oferta gastronômica de Búzios é a chegada da jovem chef Victoria Teles, de 27 anos, para comandar a cozinha do aGaleria, restaurante do Insólito Boutique Hotel, na Praia da Ferradura. Vice-campeã da quarta temporada do programa Top Chef Brasil, da Rede Record, ela reúne em um novo cardápio suas experiências em cozinhas como as dos restaurantes paulistanos Evvai e Jean-Georges, do Palácio Tangará (ambos recém-premiados com estrelas do Guia Michelin), além de influências orientais trazidas do Park, em Montreal, onde estagiou no início da profissão. "Para mim, a comida deve ser gostosa, tipo um abraço, mas ao mesmo tempo surpreender", disse Victoria. "Meu estilo de cozinha se encaixa mais no mediterrâneo, com muitos frutos do mar e frescor."

Para levar esse desafio adiante, pesa a seu favor o fato de Búzios ter também a melhor oferta de peixes frescos de toda a costa brasileira. Quem garante é o premiado chef Alex Atala, dono dos restaurantes DOM e Dalva e Dito, em São Paulo, e agora sócio do Resid, membership club cujo primeiro empreendimento hoteleiro será o Nas Rocas, previsto para entrar em funcionamento ainda este ano na Ilha Rasa, em Búzios. Segundo Atala, a razão para a qualidade excepcional dos peixes que vivem na orla da cidade é um fenômeno oceanográfico chamado ressurgência. Ele faz com que as águas mais frias do fundo do mar subam à superfície carregando nutrientes que alimentam os cardumes e os tornam mais saudáveis e saborosos.

A chegada de Alex Atala a Búzios como sócio de um empreendimento hoteleiro é mais um dos sinais do momento especial que a cidade vive. E é ótimo que essa onda esteja sendo surfada por gente comprometida com a sustentabilidade. "O turismo só é bom se ele melhorar a qualidade de vida da comunidade", disse Atala. "Nós queremos que os filhos dos funcionários do turismo possam ir à escola não apenas para que se tornem uma mão de obra mais qualificada para essa indústria. Queremos que eles aprendam a ser gestores, e quem sabe nossos competidores no futuro".





SABOR LOCAL
A chef Victoria Teles, 27 anos, que acaba de assumir a cozinha do aGaleira, no hotel Insólito. Influências orientais e mediterrâneas para aproveitar o melhor do mar

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

MENTES BRILHANTES

APRESENTA

ANDRÉ LINHARES:

O NOME POR TRÁS DE MILHARES DE HISTÓRIAS DE SUCESSO EM IMIGRAÇÃO

Jornalista Daniela Duarte

André Linhares, renomado advogado brasileiro, é referência no âmbito do Direito Internacional. O reconhecimento é resultado de mais de 12 anos de dedicação e experiência na área. Quem já buscou saber como viver nos Estados Unidos se deparou com o nome desse profissional, que é especialista no mundo da imigração e tem ajudado milhares de pessoas com seus serviços.

André nasceu no Rio de Janeiro, é casado, pai de dois filhos, bacharel em Direito e possui mestrado em Direito Internacional. Ele é licenciado no Brasil e nos Estados Unidos, formado pela Universidade de Miami e aprovado no Bar de NY e Washington D.C., exame semelhante ao conhecido exame da Ordem dos Advogados do Brasil. Sócio fundador da Linhares Law, seu escritório presta assessoria em diversas questões migratórias, tanto para pessoas físicas como para pessoas jurídicas. Conta com quatro escritórios no país norte-americano, e todos carregam seu sobrenome.

Sua jornada no Direito começou pela sua paixão por pessoas, e todas as experiências vivenciadas moldaram sua paixão pelo Direito Internacional. *"Eu me formei em Direito em 2002, motivado pela ética, justiça e por poder ajudar pessoas. Comecei a advogar na área cível e trabalhista, no Brasil. Após um tempo, iniciei mestrado em Direito Internacional e comecei a atuar nos EUA. Foram anos estudando, me dedicando ao Direito, porém essa área internacional começou a me encantar quando o advogado de imigração do escritório em que eu trabalhava em Miami pediu auxílio para ajudar um cliente brasileiro. Isso foi a alavanca que eu precisava para atuar nesse segmento. Nessa época, estudava quase 12 horas por dia e consegui ser aprovado no NY Bar, uma das maiores realizações da minha vida, e assim minha jornada nos EUA iniciou. Nada veio fácil, e tudo conquistado até hoje foi com base no esforço e dedicação"*, conta Dr. Linhares.

Em 2012, Dr. Linhares decidiu montar seu Escritório de Assessoria Jurídica Imigratória, nos Estados Unidos, voltado para ajudar brasileiros a realizar o sonho da imigração, simplificar e potencializar o processo de imigração para aqueles que desejam investir, trabalhar e prosperar nos Estados Unidos com segurança e transparência.

Dr. Linhares procurou se especializar em uma área muito específica da imigração. O escritório é especialista em vistos para profissionais qualificados, como o EB-2 NIW (interesse nacional), e empresários que pretendem investir nos EUA. Por isso, ele se tornou palestrante da Associação de Advogados de Imigração dos EUA, mais conhecida como AILA.

Linhares Law é um escritório de advocacia dedicado a orientar profissionais qualificados a obterem o Green Card e a auxiliar empresas com seus processos de imigração. O escritório trabalha de forma proativa e persistente para que possa solucionar os casos de seus clientes da melhor maneira possível, entendendo as necessidades únicas de cada cliente e oferecendo suporte personalizado e dedicado em cada fase do projeto.

Com grande experiência em imigração para os Estados Unidos, André Linhares tem ajudado milhares de pessoas a conquistarem novas oportunidades de vida. Ele afirma que isso é sua maior motivação. *"Uma das coisas que mais me deixam entusiasmado com minha profissão é ver a felicidade no rosto dos meus clientes ao terem a oportunidade de realizar seu sonho de vida, ver a felicidade e gratidão estampada no rosto deles com a conquista do Green Card e saber que eu pude contribuir na realização desse sonho me impulsiona a cada dia"*, afirma.



Com uma equipe altamente qualificada e experiente, liderada por Dr. Linhares, eles trabalham incansavelmente para garantir que cada cliente receba o melhor suporte e orientação em sua jornada rumo ao sonho americano. Sua empresa oferece uma variedade de serviços especializados, incluindo assistência abrangente com vistos como, por exemplo, Visto EB-2 NIW, Visto EB-1, Visto L1, Visto EB-5, Visto H1B e Visto O. Seu escritório tem sede em Orlando e filiais espalhadas em São Paulo, Miami, Nova York e Salt Lake City.

Este ano, a Linhares Law teve o reconhecimento do trabalho de excelência vencendo o prêmio *"The Law Awards"* (Latin American Quality Institute), que promove práticas empresariais sustentáveis na América Latina, uma comprovação de que o escritório tem compromisso contínuo com a excelência e o profissionalismo.

"Nossa maior missão é poder contribuir na realização do sonho das pessoas, para que elas tenham sucesso durante sua trajetória nos EUA. Na busca por uma mudança bem-sucedida, nosso time se destaca como líder em serviços de imigração. Estamos comprometidos em oferecer uma experiência completa, que vai desde o processo de visto até o suporte prático em questões como moradia e finanças. Nossa maior alegria é ver nossos clientes satisfeitos e vivenciando suas experiências de forma tranquila e segura", pontuou André.

Então, se você está pronto para dar o próximo passo em direção a uma nova vida nos Estados Unidos, conte com essa equipe altamente qualificada em serviços imigratórios que irá guiá-lo rumo ao seu sonho americano.

Para acompanhar esse profissional especialista em imigração e CEO da Linhares Law, que tem se destacado como uma das principais facilitadoras para quem deseja imigrar e investir nos Estados Unidos, siga nas redes sociais: @linhareslaw ou acesse o site: www.linhareslaw.com

POR PAULA CRISTINA

■ **BALANÇO**

FRIGORÍFICOS BRILHAM NAS AÇÕES DE MAIO



Entre as 10 ações com melhor desempenho no mês de maio, quatro pertencem ao setor de proteínas. É o que aponta uma análise da Elos Ayta Consultoria. A JBS (JBSS3) lidera o ranking com uma valorização de 24,53%. Na terceira colocação aparece a Marfrig (MRFG3) com valorização de 21,9%. Completam os destaques entre os frigoríficos a BRF (BRFS3) em oitavo lugar (valorização de 14,69%) e a Minerva (BEEF3) em nono, com uma valorização de 12,25%.

Outro destaque para o período foi o setor de saúde suplementar. Segunda colocada no ranking, a Hapvida (HAPV3) apresentou avanço de 22,22%, enquanto a Rede D'Or (RDOR3), na quinta colocação, teve alta de 19,62% entre os dias 1 e 17 de maio. Completam a lista das dez mais a empresa de aluguel de carros Vamos (VAM3) na quarta colocação (+19,83%); O Magazine Luiza (MGLU3), sétimo lugar (+16,92%) ; a Embraer (EMBR3) que obteve salto de 18,62% e ficou na sexta colocação e, por último, a Allos (ALOS3), no décimo lugar (10,78%). Segundo Einar Riveiro, CEO da consultoria Ayta, a rentabilidade das ações da JBS e da Hapvida está entre as maiores valorizações mensais históricas de cada papel. "Outro destaque é a Hapvida que bate a quarta maior valorização mensal desde o IPO", disse.

INDICADORES ECONÔMICOS

PIB CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	4º TRI/23	3º TRI/23	2º TRI/23	1º TRI/23	2023
PIB (DESSAZ.)	0,0%	0,0%	0,8%	1,3%	2,9%
PIB EM US$ BILHÕES *	2.173,2	2.103,7	2.039,4	2.005,9	2.173,2
ATIVIDADE **	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**DEZ/23**	**NO ANO**
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	-2,8%	5,4%	3,7%	0,9%	1,9%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO RESTRITO (IBGE)	5,7%	8,1%	3,9%	1,2%	5,9%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	7,9%	7,8%	7,6%	7,4%	-
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	78,4%	78,6%	78,5%	78,6%	-
INADIMPLÊNCIA ***	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**DEZ/23**	**MÉDIA EM 2024**
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	4,3%	4,2%	4,2%	4,0%	4,2%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	5,4%	5,5%	5,5%	5,6%	5,5%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	2,1%	2,2%	2,3%	2,0%	2,2%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	3,2%	3,3%	3,3%	3,2%	3,3%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	MAR/24 A ABR/23	FEV/24 A MAR/23	JAN/24 A FEV/23	DEZ/23 A JAN/23	NOV/23 A DEZ/22
RESULTADO NOMINAL	9,06%	9,24%	9,07%	8,91%	7,83%
RESULTADO PRIMÁRIO	2,29%	2,44%	2,25%	2,29%	1,22%
	MAR/24	**FEV/24**	**JAN/24**	**2023**	**2022**
DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL	75,70%	75,53%	75,12%	74,42%	71,68%
DÍVIDA BRUTA INTERNA	66,35%	66,36%	65,95%	65,58%	62,70%
DÍVIDA BRUTA EXTERNA	9,35%	9,17%	9,17%	8,84%	8,98%
CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	**ABR/24**	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**NO ANO**
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	-	9.591	5.012	8.741	23.345
EXPORTAÇÕES	30.920	27.731	23.462	26.737	108.849
IMPORTAÇÕES	21.879	20.502	18.222	20.511	81.114
SALDO COMERCIAL	9.041	7.228	5.240	6.226	27.736
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-	-4.579	-4.513	-5.307	-14.398
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	-	355.008	352.705	355.066	355.008
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	-	355.733	353.378	344.888	355.733

** Acumulado nos últimos 12 meses; ** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização de capacidade instalada e taxa de desemprego; *** Em proporção do volume de crédito concedido. - Recursos Livres (a) Superávit = (-) e Déficit = (+), conforme notas econômicas do BACEN*

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE



MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Alimentos	23,55	77,30
Têxtil	0,06	61,70
Saneamento	-2,84	42,30
Petróleo e Gás	-9,52	33,48
Seguros e Previdência	2,48	29,53



PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Construção	-15,64	-13,96
Açúcar e Álcool	-3,02	-14,57
Químico	-6,08	-19,32
Serviço de Locação	0,02	-20,00
Agronegócio	0,11	-21,48

Fonte: Austin Rating de 20/mai/24

 | FOTOS: FREEPIK | ISTOCK

PRINCIPAIS ÍNDICES

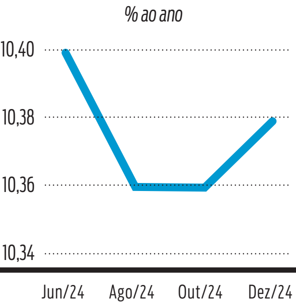
INFLAÇÃO	ABR/24	MAR/24	FEV/24	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	0,33%	0,26%	0,46%	1,51%	2,77%
IGP-M (FGV)	0,31%	-0,47%	-0,52%	-0,60%	-3,04%
IGP-DI (FGV)	0,72%	-0,30%	-0,41%	-0,26%	-2,32%
IPCA (IBGE)	0,38%	0,16%	0,83%	1,80%	3,69%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	0,30%	0,24%	0,42%	1,48%	4,15%
JUROS/APLICAÇÃO	**ABR/24**	**MAR/24**	**FEV/24**	**NO ANO**	**12 MESES**
CDI	0,89%	0,83%	0,80%	3,53%	12,32%
TLP	0,47%	0,42%	0,40%	1,77%	5,43%
POUPANÇA	0,60%	0,53%	0,51%	2,25%	7,63%
TJLP	0,54%	0,53%	0,53%	2,14%	6,79%
CDB/RDB - TAXA PREFIXADA MÉDIA	0,85%	0,74%	0,73%	3,25%	11,12%

CÂMBIO/PETRÓLEO	20/05/2024	NO MÊS	NO ANO	12 MESES
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)	5,109	1,24%	-5,23%	-2,75%
US$/EURO	1,086	1,66%	-1,74%	0,51%
IENE/US$	156,10	0,95%	-9,35%	-11,16%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)	83,69	-4,75%	8,63%	10,13%
MERCADOS FUTUROS 20/05/2024	**JUN/24**	**AGO/24**	**OUT/24**	**DEZ/24**
CÂMBIO (R$/US$)	5,113	5,145	5,175	5,205
	JUN/24	**AGO/24**	**OUT/24**	**DEZ/24**
DI DE 1 DIA (% A.A.)	10,40	10,36	10,36	10,38
	JUN/24	**AGO/24**	**OUT/24**	**DEZ/24**
IBOVESPA (PONTOS)	128.588	130.616	132.613	134.592
	MAI/24	**JUL/24**	**SET/24**	**DEZ/24**
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	253,40	257,95	251,00	248,05

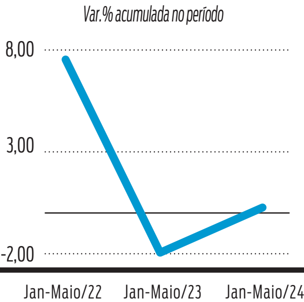


JUROS FUTUROS

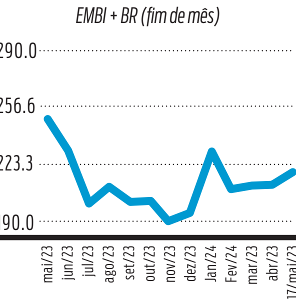
20/05/2024



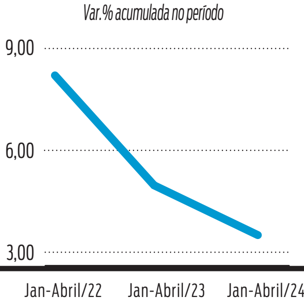
IGP-10 (FGV)



RISCO-PAÍS



INFLAÇÃO CONSUMIDOR (CPI) (EUA)





DESTAQUE POSITIVO DA SEMANA Companhia Energética de Brasília (CEB) vê ações saltarem após acordo para usar energia solar em prédios públicos

RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

*20/mai/24 (inclui JS = Juros Semestrais)

TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic 2024	01/09/2024	Selic	0,83%	4,15%	12,17%
Tesouro Prefixado (JS) 2025	01/01/2025	Prefixado	0,82%	3,50%	12,52%
Tesouro IPCA+ (JS) 2024	15/08/2024	IPCA	0,62%	4,32%	10,66%
Tesouro IGPM+ (JS) 2031	01/01/2031	IGP-M	1,10%	-0,51%	4,63%
Tesouro Prefixado 2024	01/07/2024	Prefixado	0,80%	4,02%	12,66%

MAIORES ALTAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
AGROGALAXY	Tecnologia	21,58
CEB	Energia	13,31
CLEARSALE	Financeiro	12,87
PETROBRAS	Petróleo e Gás	10,93
YDUQS PART	Educação	10,85

MAIORES BAIXAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
MARFRIG	Varejo	-14,84
INFRACOMM	Tecnologia	-15,38
PDG REALT	Imobiliário	-15,38
BRB BANCO	Financeiro	-18,36
ONCOCLINICAS	Saúde	-29,58

Fonte: Austin Rating *20/05 a 14/05

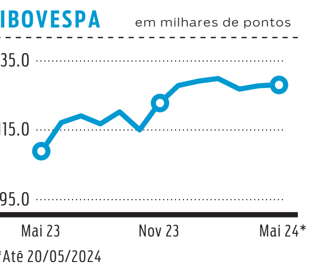
TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	127.750
Mínima	124.388
Máxima	131.689

Fonte: B3* Até 20/05/2024

IBOVESPA

em milhares de pontos



*Até 20/05/2024

BOLSAS NO MUNDO

24/07/2023		COTAÇÃO (MOEDA LOCAL)				VARIAÇÃO (US$)	
Mercado	Índice	Pontos	% mês	% ano	% 12 m.	% mês	% ano
Brasil	Ibovespa	127.751	1,45%	-4,79%	15,91%	2,71%	-9,77%
Brasil	IBrX 100	53.866	1,05%	-4,58%	16,17%	2,30%	-9,57%
EUA	Dow Jones	39.808	5,27%	5,62%	19,59%	5,27%	5,62%
EUA	Nasdaq	16.795	7,26%	11,88%	32,03%	7,26%	11,88%
Japão	Nikkei 225	39.089	1,78%	16,81%	25,74%	2,74%	5,88%
China	Shanghai	3.171	2,14%	6,60%	-3,80%	2,23%	4,69%
Alemanha	DAX 30	18.774	4,69%	12,07%	15,72%	6,43%	10,12%
França	CAC 40	8.196	2,64%	8,65%	9,60%	4,34%	6,77%
Reino Unido	FTSE 100	8.435	3,57%	9,07%	8,54%	5,17%	8,95%

Fonte: Austin Rating

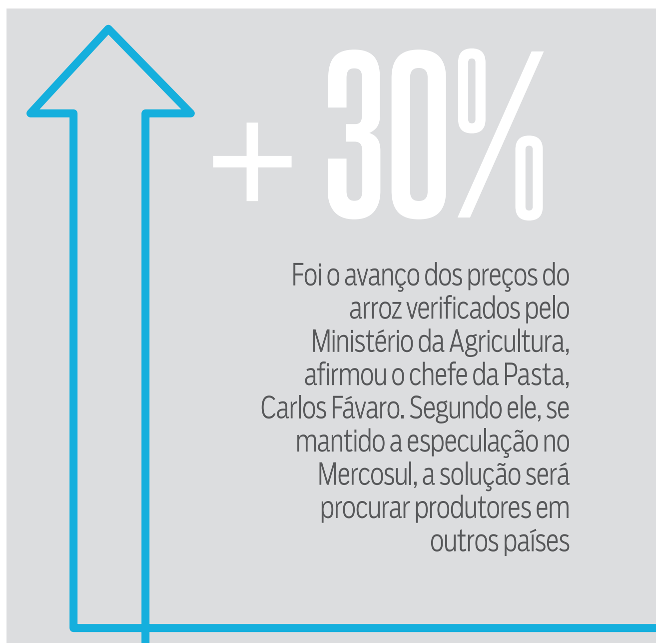




SE NÃO RESPONDERMOS ESTRATEGICAMENTE E DE FORMA UNIDA À POLÍTICA INDUSTRIAL DA CHINA, A VIABILIDADE DAS EMPRESAS EM NOSSOS PAÍSES E EM TODO O MUNDO PODE ESTAR EM RISCO



JANET YELLEN, secretária do Tesouro dos Estados Unidos



+ 30%

Foi o avanço dos preços do arroz verificados pelo Ministério da Agricultura, afirmou o chefe da Pasta, Carlos Fávaro. Segundo ele, se mantido a especulação no Mercosul, a solução será procurar produtores em outros países

R$

1 trilhão É o valor aproximado dos ativos de brasileiros alocados no exterior, segundo dados da Receita Federal. A estimativa é que ao menos 100 mil cidadãos tenham recursos fora do Brasil. O prazo para declarar o dinheiro ao leão segue até o dia 31 de maio. As novas regras de offshore começam a valer apenas em 2025.

US$

500 bilhões É o valor estimado pela Allianz Trade de impacto da Inteligência Artificial na economia da América Latina até 2030, ou 5,4% do PIB. A título de comparação, o potencial dos Estados Unidos e Canadá é bater em 14,5% do PIB no mesmo período, fruto do maior investimento na ferramenta.



– 19%

É a previsão de impacto da produção brasileira de arroz na safra 2023/2024 em função das fortes chuvas que assolaram o Rio Grande do Sul. Para lidar com a retração, o governo zerou impostos de importação do grão



A corretora de criptomoeda Binance treinou 80 autoridades de aplicação da lei brasileira que participaram de um evento para aumentar o conhecimento sobre a tecnologia, abordar aspectos práticos das investigações, fortalecer o diálogo com autoridades e ampliar a parceria entre agentes do setor público e privado no combate a atividades ilícitas no universo das criptomoedas. "Em um mundo cada vez mais digitalizado, o combate ao crime exige ferramentas e conhecimentos atualizados. Por isso o treinamento é um marco na capacitação de policiais civis, membros do Ministério Público e outros órgãos de investigação", disse Rodney da Silva, diretor de Inteligência do Ministério da Justiça.

 FOTO: DIVULGAÇÃO

A POLÍTICA DE ECONOMIA CIRCULAR JÁ PASSOU PELO SENADO, MAS O MAIOR DESAFIO ESTÁ NAS AÇÕES



BEATRIZ LUZ
É FUNDADORA E DIRETORA DA EXCHANGE 4 CHANGE BRASIL E DO HUB DE ECONOMIA CIRCULAR BRASIL

O Senado aprovou, em março, o Projeto de Lei 1.874/2022, que determina a criação da Política Nacional de Economia Circular (PNEC). O texto, que será analisado na Câmara dos Deputados, prevê um direcionamento para um novo modelo econômico no País, que vai além do uso eficiente dos recursos e prioriza o redesign dos produtos, com foco na durabilidade, modularidade, reparo e reuso. Mas qual a importância dessa política e por que devemos nos atentar a ela?

O primeiro objetivo de uma política pública é servir como ferramenta de conhecimento e educação. É um instrumento essencial de transformação da sociedade, instituindo novas regras e valores, garantindo direitos e removendo barreiras. A aprovação da PNEC serve como um guia para as lideranças empresariais, que serão incentivadas a redefinir as cadeias produtivas e reavaliar modelos de negócios, responsabilidades e relações comerciais. Uma nova proposta de investimento e retorno se torna prioritária, a fim de garantir a circulação contínua de materiais em todas as regiões do Brasil.

Outro ponto importante é a criação de um arcabouço mais favorável para a tomada de decisão, fator determinante para a elaboração de linhas de fomento dedicadas ao tema. Novos instrumentos financeiros, como os do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), precisam ser guiados por estratégias nacionais e, assim, contribuírem para reduzir o risco do investimento privado e acelerar a transição.

O Projeto de Lei detalha os princípios da circularidade com abrangência e com propostas de valor para estimular ações além da reciclagem e da gestão de resíduos, e incluir regeneração, novo design para produtos, direito de reparo e opções de remanufatura. Também reitera a necessidade de integração dos diferentes elos da cadeia produtiva para termos soluções em escala, apresentando a importância do olhar sistêmico e a necessidade de engajamento entre indústria, governo e sociedade civil.

Entre as principais entregas, a política promete a criação do Fórum Nacional de Economia Circular, que reunirá os ministros do Meio Ambiente; da Ciência, Tecnologia e Inovação; da Fazenda; e do Desenvolvimento Regional, além de representantes do setor privado. Esta é uma iniciativa importante para a elaboração de planos de ação nacionais e para estimular estados e municípios a criarem instâncias similares. A pergunta que fica é se temos, nos governos locais, as habilidades e os recursos necessários para tal.

O maior gargalo é o entendimento de "como fazer" e de quem vai pagar a conta — um desafio não só do Brasil, mas de diversos países. No texto, o Mecanismo de Transição Justa aparece como ferramenta para auxiliar a indústria na implementação das soluções, mas há poucas informações sobre os requisitos necessários para acessá-lo.

A PNEC reitera ainda a necessidade de campanhas de comunicação voltadas à população e de ações que promovam capacitação, para gerar empregos mais qualificados e com novas habilidades. Neste caso, o Mecanismo de Transição Justa deve dar suporte a iniciativas que promovam novas oportunidades de trabalho.

A rapidez no processo de aprovação da nova política indica que a urgência de agir pelo planeta está sendo compreendida em diversas esferas. Como comparação, a tramitação da Política Nacional de Resíduos Sólidos demorou cerca de 20 anos, enquanto o ciclo de apresentação e aprovação da PNEC está previsto para ser finalizado em menos de 1 ano, o que mostra a relevância na vida dos brasileiros e no mercado global.

É imprescindível irmos além das diretrizes apresentadas. Planos de ação precisam ser elaborados de forma colaborativa e multisetorial, instrumentos para mobilizar a indústria devem ser instituídos e estratégias de financiamento precisam ser definidas, considerando um olhar sistêmico. Mas o documento por si só representa um indicativo de que estamos no caminho certo e é, definitivamente, um marco estratégico de posicionamento do Brasil no contexto global. 

INÊS 249

ARTIGO



POR **VITORIA SADDI***

A INVERSÃO DA CURVA DE JUROS AMERICANA E A DOMINÂNCIA FISCAL

A alta brutal dos retornos dos títulos está ligada à piora das contas públicas do país. A relação dívida/PIB nunca esteve tão alta e atingiu 130%

A inclinação da curva de juros americana (medida como a diferença entre o título de 10 anos e o de 2 anos) está invertida desde julho de 2022. Este é o período mais longo de inversão da curva na série histórica nos Estados Unidos. O fenômeno da inversão ocorre sempre que a taxa de juros dos títulos de curto prazo excede a taxa de juros dos títulos de longo prazo. A ideia é que tal inversão seja um potencial precursor de uma recessão. O principal objetivo do presente artigo é avaliar a reação dos investidores e o significado de tal problema no atual contexto dos Estados Unidos.

O conceito da curva de juros tem início com títulos de diferentes 'durations' e é baseado nos títulos do tesouro americano. Estes são considerados ativos 'livres de risco', com probabilidade nula de eventual 'calote' da dívida pública americana. Em diferentes graus, eles integram uma parcela significativa das reservas internacionais de vários países, como Brasil e China. Uma forma simples de entender a curva de juros é olhar as taxas de juros, ou 'yields', pagos pelo tesouro americano com 'durations' de três meses, dois, cinco, dez e trinta anos. Os investidores em geral esperam obter um rendimento maior quanto maior for a 'duration' do título. Assim, em termos normais, o título de trinta anos paga mais do que um título de 2 meses, por exemplo. Esta é a curva normal de juros, que ocorre quando os 'yields' sobem à medida que o prazo de resgate ('duration') aumenta.

Quando a curva fica invertida as taxas dos títulos curtos passam a ser maiores do que as dos longos. A inversão pode ser vista como o Federal Reserve aumentando as taxas de juros de curto prazo acima da taxa de juros neutra (a taxa que não provoca nem inflação nem desemprego). Ninguém sabe ao certo o valor preciso de tal taxa neutra. Ainda assim, as taxas de longo prazo, ajustadas pela inflação, são uma boa proxy para tanto. Taxas curtas muito acima da taxa neutra tendem a desaquecer a economia até a chegada da recessão. A recessão emerge porque os bancos centrais preferem errar para cima e manter a política contracionista a terminar o ciclo de alta antes da inflação baixar.

Há três formas de analisar a inversão da curva. A primeira delas é tratar a mesma como um problema de informação, inerente ao mercado de títulos (renda fixa). A inversão expressa a visão dos investidores do mercado sobre a inflação futura e crescimento da economia. A segunda forma é uma espécie de profecia autorrealizável. Neste caso quando as empresas percebem a inversão da curva elas se tornam mais cuidadosas nos seus investimentos e contratações futuras. Isso faz com a que a ameaça de recessão se torne ainda mais presente. A terceira explicação é a visão causal. Esta última nos diz que se a autoridade monetária promover uma política monetária contracionista por bastante tempo, de modo abrupto e rápido você conseguirá promover uma recessão.

Muito embora não se saiba quando o Fed irá baixar juros é pouco provável que as taxas voltem a subir este ano. Não obstante, o retorno dos títulos de 10 anos está no segundo maior nível desde 2007; o de 30 anos desde 2011 e dos 10 anos atrelado a inflação desde 2009. A alta brutal dos retornos dos títulos parece estar relacionada à piora fiscal do país. A relação dívida/PIB nunca esteve tão alta e atingiu 130%. O fato da relação dívida/PIB estar no pico de 130% levou as agências de risco a rebaixarem a nota da dívida pública americana. O financiamento do déficit fiscal ocorre via venda de títulos públicos de diversos vencimentos. A venda de tais títulos leva a um aumento dos retornos e explica a alta dos títulos de médio e longo prazo. Tal fenômeno é conhecido como dominância fiscal. Este problema emerge sempre que existe um banco central comprometido com a meta de inflação que está subindo juros (e, portanto, vendendo títulos) e um tesouro nacional que não tem compromisso com a estabilidade fiscal e precisa financiar seu déficit via venda de títulos públicos. Neste sentido, a alta de juros por razões de política monetária termina sendo ainda mais exacerbada devido ao componente fiscal, dada pela venda de títulos públicos necessários para financiar o déficit. Em outras palavras, podemos dizer que a inversão da curva de juros possa estar ocorrendo devido à dominância fiscal.

**VITORIA SADDI é estrategista da SM Futures. Dirigiu a mesa de derivativos do JP Morgan e foi economista-chefe do Roubini Global Economics, Citibank, Salomon Brothers e Queluz Asset, em Londres, Nova York e São Paulo. Também foi professora na California State University, na University of Southern California e no Insper. É PhD em economia pela University of Southern California.*

INÊS 249

milk & mellow
gelato





ASSISTA AQUI A NOSSA PRODUÇÃO



APONTE SUA CÂMERA E PEÇA JÁ!



WWW.MILKMELLOWGELATO.COM.BR

SIGA-NOS: @MILKMELLOWGELATO

PEÇA NOSSAS DELÍCIAS PELO IFOOD

